

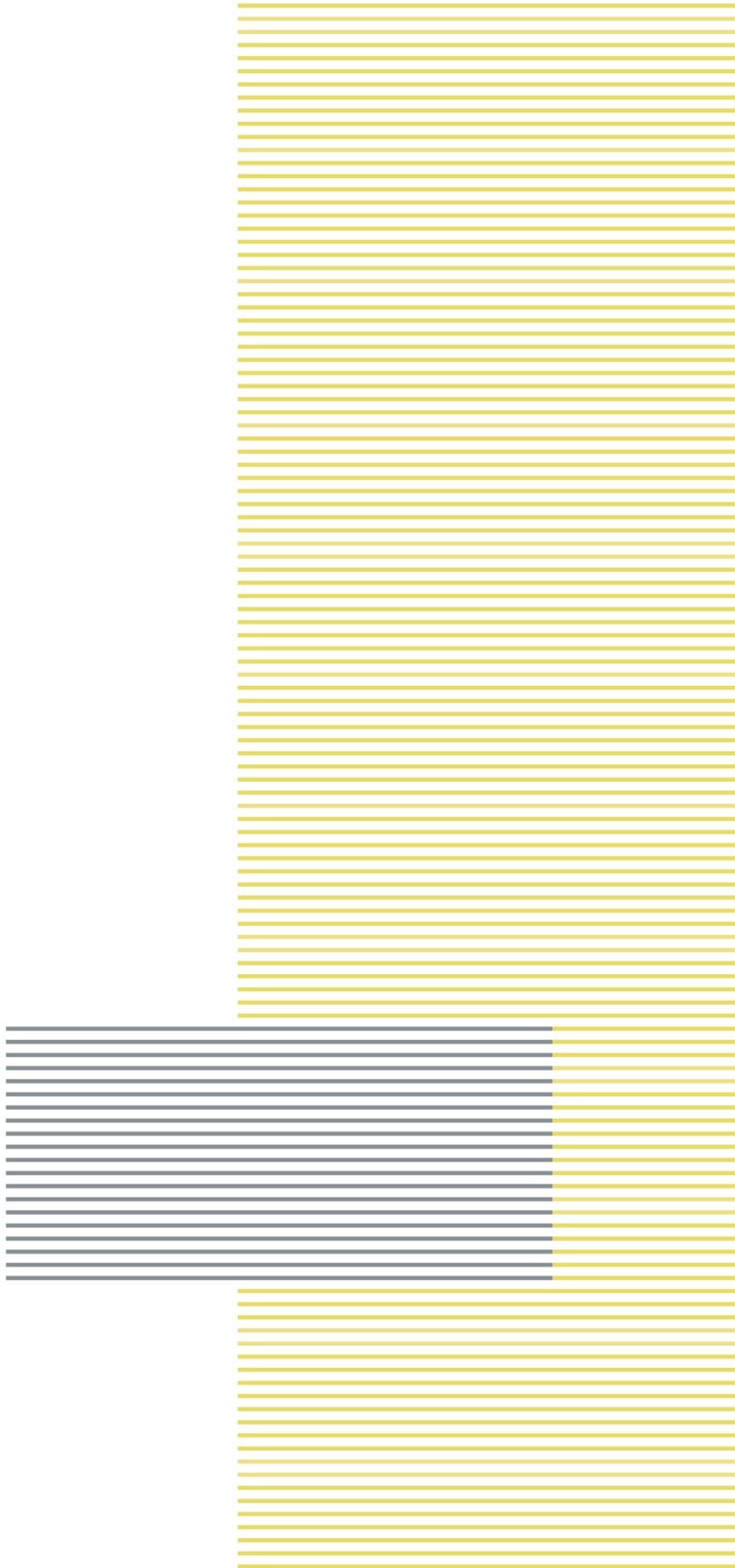
BALANÇO E PERSPECTIVAS

ECONOMIA BRASILEIRA | 2016-2017 | **FECOMERCIO-SP**

BALANÇO E PERSPECTIVAS

ECONOMIA BRASILEIRA | 2016-2017 | FECOMERCIO-SP

PALAVRA DO PRESIDENTE	07
INTRODUÇÃO	09
PESQUISAS FECOMERCIO-SP	14
CONFIANÇA	
ÍNDICE DE CONFIANÇA DO CONSUMIDOR (ICC)	16
ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO DO COMÉRCIO (ICEC)	18
ÍNDICE DE ESTOQUES (IE)	20
ÍNDICE DE EXPANSÃO DO COMÉRCIO (IEC)	22
ENDIVIDAMENTO E INADIMPLÊNCIA	
PESQUISA DE ENDIVIDAMENTO E INADIMPLÊNCIA DO CONSUMIDOR (PEIC)	24
PESQUISA DE RISCO E INTENÇÃO DE ENDIVIDAMENTO (PRIE)	26
INFLAÇÃO	
ÍNDICE DE PREÇOS DO VAREJO (IPV)	28
ÍNDICE DE PREÇOS DE SERVIÇOS (IPS)	30
CUSTO DE VIDA POR CLASSE SOCIAL (CVCS)	32
CONSUMO	
ÍNDICE DE INTENÇÃO DE CONSUMO DAS FAMÍLIAS (ICF)	34
EMPREGO	
PESQUISA DE EMPREGO NO COMÉRCIO VAREJISTA DO ESTADO DE SÃO PAULO (PESP) VAREJO	36
RESULTADOS DO EMPREGO POR REGIÃO	38
RESULTADOS SETORIAIS	40
PESQUISA DE EMPREGO NO COMÉRCIO ATACADISTA DO ESTADO DE SÃO PAULO – PESP ATACADO	42
RESULTADOS DO EMPREGO POR REGIÃO	44
RESULTADOS SETORIAIS	46
PESQUISA DE EMPREGO NO SETOR DE SERVIÇOS DO ESTADO DE SÃO PAULO – PESP SERVIÇOS	48
RESULTADOS DO EMPREGO POR REGIÃO	50
RESULTADOS SETORIAIS	52
VAREJO	
PESQUISA CONJUNTURAL DO COMÉRCIO VAREJISTA (PCCV)	54
MELHORES E PIORES DESEMPENHOS: REGIONAL E SETORIAL	56
PROJEÇÕES PARA DEZEMBRO – NATAL	58
PROJEÇÕES DO COMÉRCIO VAREJISTA PARA 2017	60
COMÉRCIO ELETRÔNICO	
PESQUISA CONJUNTURAL DO COMÉRCIO ELETRÔNICO (PCCE)	62
SERVIÇOS	64
PESQUISA CONJUNTURAL DO SETOR DE SERVIÇOS (PCSS)	64
ANÁLISE SETORIAL	66
METODOLOGIAS	69



SUMÁRIO

PALAVRA DO PRESIDENTE

O Brasil atravessa uma crise econômica sem precedentes. O Produto Interno Bruto (PIB) deve recuar cerca de 3,2% em 2016, após ter registrado queda de 3,8% em 2015. Será a primeira vez, desde a década de 1930, que a retração ocorre por dois anos consecutivos. Entretanto, após o fim do processo político que paralisou o País, a economia brasileira passou a reagir, ainda que de forma tímida.

Os primeiros sinais indicam a retomada da confiança, tanto de consumidores quanto de empresários. O ritmo da eliminação de postos de trabalho desacelerou e alguns setores já apresentam saldo positivo. A inflação converge para a meta no próximo ano e se iniciou um ciclo de redução da taxa de juros.

A Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), atenta à transformação desse cenário, investiu na produção de estudos, pesquisas e posicionamentos. Atualmente, a Entidade, por meio de sua assessoria econômica, é responsável pela elaboração e análise de 17 indicadores com periodicidades mensal e trimestral. São pesquisas relacionadas à confiança do consumidor e do empresário do comércio, à intenção de consumo, ao endividamento e inadimplência, entre outras, que contribuem para a tomada de decisão de seus representados e do setor público.

Com o objetivo de avançar ainda mais na análise das realidades paulista e brasileira, a FecomercioSP procura realizar

constantemente novos estudos e pesquisas socioeconômicas. Em 2016, foram lançadas três novas pesquisas.

A Pesquisa Conjuntural do Setor de Serviços (PCSS), fruto de uma parceria com a Secretaria Municipal de Finanças e Desenvolvimento Econômico, é o primeiro indicador mensal do setor de serviços em âmbito municipal. Os dados são segmentados em 13 atividades e possibilitam um diagnóstico profundo do setor de serviços na cidade de São Paulo.

A Pesquisa de Emprego no Comércio Atacadista (PESP Atacado) e a Pesquisa de Emprego no Setor de Serviços (PESP Serviços), que fornecem dados de funcionários admitidos e desligados, além do estoque total de empregos formais, permitem o acompanhamento do mercado de trabalho desses setores em 16 regiões do Estado de São Paulo.

Reafirmando nosso compromisso com a sociedade, esperamos ampliar cada vez mais a abrangência desse trabalho, que muito depende da participação e do engajamento de todos os nossos filiados na disseminação de seu conteúdo.

Abram Szajman,
*presidente da Federação do Comércio de Bens,
Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP),
entidade gestora do Sesc-SP e do Senac-SP*

The background features a series of horizontal lines. The top half consists of thin yellow lines, and the bottom half consists of thin grey lines. A vertical yellow line is positioned on the right side, separating the yellow and grey sections.

INTRODUÇÃO

PERSPECTIVAS PARA A ECONOMIA E PARA O SETOR DE COMÉRCIO E SERVIÇOS

Ao fim de 2013, de 2014 e de 2015 a FecomercioSP projetou cenários ruins, principalmente para o Consumo e para a Produção Nacional. Infelizmente essas projeções se confirmaram em todos os anos, e o saldo realmente negativo de três anos de queda de consumo e de crise é o acúmulo de mais de 12 milhões de desempregados no atual momento. Mais recentemente, o ano de 2015 já havia sido especialmente negativo para a economia, com queda de 3,8% no Produto Interno Bruto, aumento da taxa de juros, queda de 6% nas vendas do Varejo, perda de quase 9% da produção industrial, e aumento significativo do desemprego. Em 2016, o cenário não foi diferente, a não ser por um aspecto especial e de fato positivo: ao fim do período a projeção para 2017 é positiva, após três anos seguidos de expectativas e projeções negativas. Como as projeções negativas da FecomercioSP entre 2013 e 2015 se confirmaram nos anos seguintes, há motivos para acreditar que a Entidade também acerte em seus prognósticos mais uma vez, porém, agora, com melhores notícias para o ano que vem.

Evidentemente este foi um ano diferente em muitos aspectos, mas principalmente sob a ótica política. Não é corriqueiro que o país atravessasse um processo de impeachment, diante de um cenário que beirou o caos. Somente a partir do segundo semestre esse processo teve seu epílogo, que pode ser considerado positivo diante dos riscos de desestabilização política e econômica pelos quais o país passou. A conclusão do processo de impeachment trouxe alguns resultados práticos positivos já em 2016:

redução da pressão inflacionária, que em parte se devia à desconfiança ainda restante, realimentou a confiança de empresários e consumidores e, mais importante, impulsionou a tramitação da primeira e mais importante reforma: PEC 241, Teto de Gastos do Governo. O Banco Central viu espaço, então, para iniciar um processo de redução de juros que não ocorria há quatro anos e a Taxa Selic que estava em 14,25% entre janeiro e outubro, encerrará o ano em 13,75%.

Contudo, apesar da conclusão relativamente tranquila do processo de impeachment e do início do processo de retomada de confiança e também de reformas urgentes e importantes, o ano termina com números ainda bastante ruins, principalmente em sua primeira metade, com aceleração do desemprego, da inflação, risco de perda de controle cambial e o caos político que desestabilizou e colocou em xeque toda a sociedade, além da economia. Felizmente as instituições se mantiveram firmes e os piores momentos foram deixados para trás, não sem custos ou desgastes. Passados os problemas mais graves, recuperada a confiança e a governabilidade, edificada uma nova proposta de política econômica, o Brasil iniciou sua caminhada para retomar o crescimento. Não será fácil, nem rápido, e ainda depende de novos passos firmes do governo e de sua equipe econômica. Todavia, se a nova administração de fato confiar em suas convicções, e, mais do que isto, estiver disposta a lutar e gastar capital político, enfrentando muitas vezes a impopularidade dos próximos atos ao longo do

próximo ano, certamente terá cumprido um papel relevante e indispensável à recuperação do País, da economia e, finalmente, do emprego.

Sob esse novo espírito otimista repousam as projeções para 2017, o ano em que o país deve começar a retomar as condições para crescer, de forma mais consistente e sustentável do que em outros momentos. Motivos para isso ultrapassam os meros desejos de um ano melhor, e se calcam nas propostas de reformas (abandonadas por muitos anos até que o equilíbrio político e econômico fosse abalado) e também no tamanho e complexidade da economia e do mercado consumidor brasileiro. Poucos países do mundo dispõem de condições econômicas a longo prazo tão favoráveis, se criado o ambiente ideal (ou próximo disso) de negócios. Neste momento a FecomercioSP entende que três fatores se conjugam de forma raramente vistas no Brasil: diagnóstico econômico quase unânime sobre as medidas necessárias, ambiente político consistente com a aprovação de

reformas, e confiança de empresários e consumidores no encaminhamento das mudanças, alimentando o processo político com um “feedback” positivo de apoio a mudanças.

A FecomercioSP não está projetando um ano de 2017 maravilhoso e sem problemas, mas vê o ambiente propício para mudanças profundas e duradouras, como não se apresentava há muito tempo. Há disposição de empresários e cidadãos em participarem desse esforço conjunto, que deve dar frutos positivos já no ano que vem: crescimento do PIB de 1,0%, inflação caminhando para o centro da meta e abaixo dos resultados anuais verificados desde 2009, saldo comercial positivo, forte ingresso de capitais via investimentos diretos e financeiros, resgate da propensão ao investimento por parte de empresários nacionais e estrangeiros e recuperação do consumo ao longo do ano. Finalmente, esse processo desembocará no início da retomada do emprego e redução das taxas de desemprego, certamente o maior mal causado pela crise.

VARIÁVEL	2016	2017
IPCA	6,8%	5,5%
Selic – fim de período	13,75%	12,00%
Taxa de câmbio – fim de período	R\$ 3,40	R\$ 3,50
Balança comercial	US\$ 45 BI	US\$ 20 BI
Conta-corrente	- US\$ 20 BI	- US\$ 30 BI
PIB Industrial (% crescimento)	-3,0%	0,0%
Varejo Brasil* (% crescimento)	-6,0%	2,0%
Varejo São Paulo** (% crescimento)	0%	1,0%
Massa de rendimentos SP	-3,5%	3,0%
Massa de rendimentos BR	-3,5%	2,0%
Volume de crédito PF	-10,0%	5,0%
Déficit fiscal primário (% do PIB)	2,2%	1,4%
Dívida pública federal bruta (% do PIB)	73,0%	75,0%
PIB (% crescimento)	-3,2%	1,0%

Fontes: IBGE, Tesouro Nacional, BCB e FecomercioSP
 *Volume de Vendas (IBGE)
 **PCCV (FecomercioSP)

PESQUISAS FECOMERCIO-SP



ÍNDICE DE CONFIANÇA DO CONSUMIDOR (ICC)

A confiança do consumidor iniciou o ano em um nível muito baixo, aos 89,0 pontos, ainda mais se considerarmos a base fraca de comparação em relação a 2015. O sentimento de pessimismo predominou na passagem de 2015 para 2016 com o cenário de instabilidade socioeconômica em que se encontrava o país. A persistência de pressões de preço sobre determinados bens, crédito mais caro e escasso, falta de perspectiva para desatar a crise política e, principalmente, a escalada do desemprego aumentaram cada vez mais a apreensão dos consumidores e atingiram diretamente a vida financeira das famílias.

O ICC registrou altas pontuais nos meses de janeiro e fevereiro influenciado ainda pelo reajuste do salário mínimo, mas voltou a cair em março e abril. A partir de maio o índice entrou numa rota positiva, porém com comportamentos distintos dos seus componentes. Enquanto a percepção da situação atual continuou a se deteriorar, as expectativas começaram a dar sinais de elevação. Esses sinais, não coincidentemente, se intensificaram com a perspectiva real de que um novo governo estava prestes a assumir a condução do país.

O indicador avançou nos meses de maio até setembro, voltou para a área de otimismo no mês de agosto ao atingir os 100,0 pontos, registrou uma leve queda em outubro e voltou a subir em novembro. Para o mês de dezembro estima-se um ICC com um patamar de aproximadamente 109,0 pontos, considerando-se as condições socioeconômicas presentes neste momento. Assim, o ICC deve fechar 2016 com uma pontuação média de 98,3 pontos, 4,2% superior a observada em 2015.

MÊS	VALOR MENSAL (EM PONTOS)	VARIAÇÃO MENSAL (EM %)
Dez-15	87,2	1,9
Jan-16	89,0	2,1
Fev-16	95,2	7,0
Mar-16	89,3	-6,2
Abr-16	87,7	-1,8
Mai-16	90,9	3,6
Jun-16	98,0	7,9
Jul-16	97,7	-0,4
Ago-16	100,0	2,4
Set-16	107,0	6,9
Out-16	106,0	-0,9
Nov-16	110,3	4,1
* Dez/16	109,0	-1,2
Média 2016	98,3	
2016/2015 (%)		4,2

*Estimativa



Fonte: FecomercioSP

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO DO COMÉRCIO (ICEC)

O empresário do comércio começou o ano demonstrando as mesmas preocupações vividas ao longo de 2015. A deterioração de variáveis como inflação, emprego e renda e a baixa confiança do consumidor teve impacto negativo sobre as vendas e, conseqüentemente, sobre a confiança dos empresários do comércio.

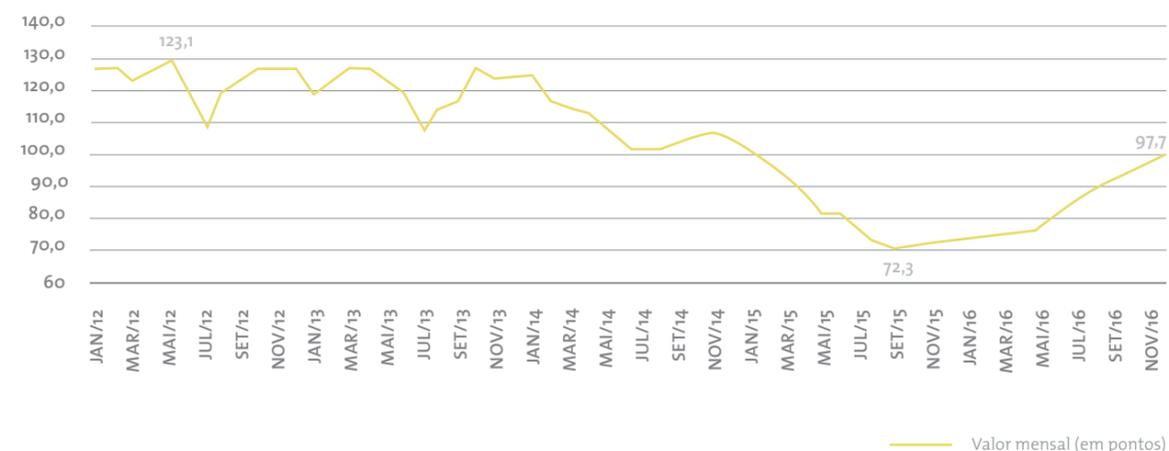
A contração do nível de atividade econômica acarretou um desalento generalizado entre os empresários, que colocaram o pé no freio no quesito investimentos e contratações. Assim, de dezembro de 2015 até maio de 2016, o ICEC manteve-se praticamente estável ao redor de 75 pontos.

A estabilidade do indicador nesse período refletia o pessimismo dos empresários em relação à recessão econômica em curso, que atingiu praticamente todos os setores, e também pela falta de perspectivas de resolução do quadro político. Assim como o ICC, as expectativas também começaram a dar sinais de elevação a partir da segunda fase do impeachment puxando a alta do indicador, que saltou dos 75,9 pontos em maio para 96,1 pontos em novembro. Expectativas essas que superam também a velocidade da retomada da confiança na economia a curto prazo.

Para o mês de dezembro, estima-se um ICEC de 97,7 pontos, considerando-se as condições socioeconômicas presentes neste momento. Com isso, o indicador deve fechar o ano de 2016 cerca de 3% acima do verificado em 2015, em média.

MÊS	VALOR MENSAL (EM PONTOS)	VARIAÇÃO MENSAL (EM %)
Dez-15	74,0	1,7
Jan-16	74,5	0,7
Fev-16	74,9	0,6
Mar-16	75,8	1,2
Abr-16	74,8	-1,4
Mai-16	75,9	1,5
Jun-16	80,6	6,1
Jul-16	85,1	5,6
Ago-16	87,5	2,9
Set-16	89,3	2,0
Out-16	92,6	3,7
Nov-16	96,1	3,7
* Dez/16	97,7	1,7
Média 2016	83,7	
2016/2015 (%)		3,0

*Estimativa



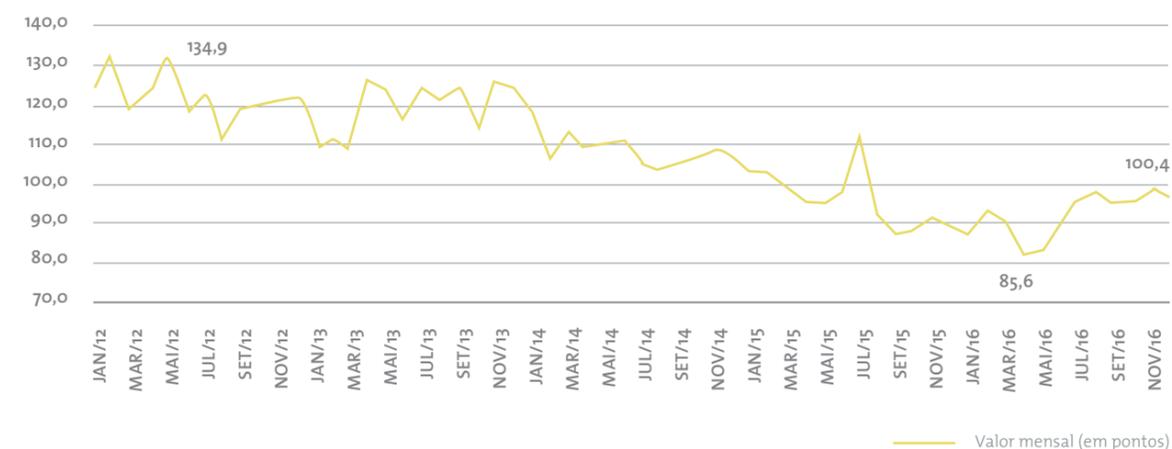
Fonte: FecomercioSP

ÍNDICE DE ESTOQUES (IE)

Com as sucessivas quedas nas vendas do varejo, foi inevitável que o Índice de Estoques se deteriorasse ao longo do ano, principalmente pelo aumento na proporção de empresários com estoques acima do adequado, que atingiu o maior valor da série histórica em abril (41,6%). A partir de junho, houve uma evidente melhora do indicador, apesar de ainda permanecer longe do ideal. Em novembro, a proporção de empresários que consideram seus estoques acima do adequado caiu 1,4 p.p., indo para 35,6% ao mesmo tempo em que os que consideram seus estoques adequados subiu para 51%, a maior proporção do ano. Considerando o momento em que as vendas permanecem baixas e os estoques relativamente elevados essa é a melhor notícia (redução média dos estoques) para o varejo, às vésperas do Natal, que será uma grande oportunidade para os varejistas ajustarem o excesso de estoques. Essa reversão de tendências, ainda que não tenha sido suficiente para resgatar todo o dano causado pela forte contração das vendas, traz alento com a possibilidade de redução dos estoques para patamares adequados ao longo de 2017.

MÊS	VALOR MENSAL (EM PONTOS)	VARIÇÃO MENSAL (EM %)	SITUAÇÃO ATUAL DOS ESTOQUES (EM %)		
			ADEQUADO	INADEQUADO ACIMA	INADEQUADO ABAIXO
Dez-15	93,0	-1,6	46,4	37,2	16,1
Jan-16	90,8	-2,4	45,3	37,6	16,9
Fev-16	96,6	6,4	48,2	35,7	15,8
Mar-16	94,7	-2,0	47,2	37,2	15,3
Abr-16	85,6	-9,6	42,7	41,6	15,4
Mai-16	87,4	2,1	43,6	39,8	16,3
Jun-16	93,8	7,3	46,9	37,5	15,6
Jul-16	99,3	5,9	49,7	36,8	13,6
Ago-16	101,6	2,3	50,5	35,5	13,4
Set-16	99,0	-2,5	49,2	35,9	14,3
Out-16	99,4	0,3	49,6	37,0	13,3
Nov-16	102,1	2,7	51,0	35,6	13,3
* Dez/16	100,4	-1,6	50,1	35,1	14,4
Média 2016	95,9		47,8	37,1	14,8
2016/2015 (%)		-4,0	-1,9 p.p.	2,4 p.p.	-0,3 p.p.

*Estimativa



Fonte: FecomercioSP

ÍNDICE DE EXPANSÃO DO COMÉRCIO (IEC)

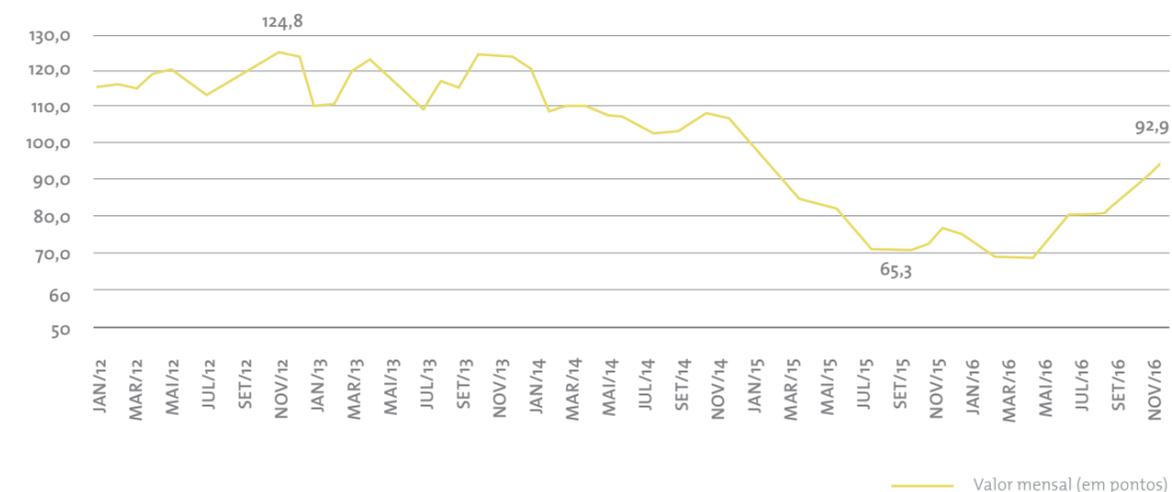
Ao longo de 2016 o Índice de Expansão do Comércio, formado pelas expectativas de contratação e pelo nível de investimento dos empresários do varejo paulistano, teve dois momentos muito distintos: no primeiro semestre manteve a trajetória de queda que vinha desde 2015, atingindo a menor pontuação histórica em abril, de 65,3 pontos, e iniciou um processo evidente de recuperação a partir da metade do ano. Na passagem de maio para junho, por exemplo, o índice subiu 10,9%. Esse comportamento em nada difere do indicador de confiança dos empresários, até mesmo porque o IEC é derivado do Índice de Confiança dos Empresários do Comércio.

Todavia, o indicador de expansão foca em duas variáveis: expectativa de contratações e de investimentos. A recuperação percebida no segundo semestre se deu em ambas as variáveis, emprego e investimento, porém com maior ênfase na expectativa de contratações, o que indica que o varejo em breve deve voltar a abrir vagas, mantidas as condições que viabilizaram a retomada da confiança e as perspectivas de desempenho positivo.

O IEC deve apresentar nova alta em dezembro, a oitava consecutiva, encerrando o ano aos 92,9 pontos. Entretanto, a pontuação média do indicador em 2016 deve ser cerca de 3,3% inferior à registrada em 2015. A FecomercioSP acredita que o indicador continue a crescer no início de 2017.

MÊS	VALOR MENSAL (EM PONTOS)	VARIAÇÃO MENSAL (EM %)
Dez-15	73,7	6,9
Jan-16	72,1	-2,2
Fev-16	67,7	-6,0
Mar-16	66,2	-2,3
Abr-16	65,3	-1,3
Mai-16	65,5	0,2
Jun-16	72,6	10,9
Jul-16	77,8	7,1
Ago-16	77,9	0,1
Set-16	78,7	1,1
Out-16	82,8	5,2
Nov-16	86,8	4,9
* Dez/16	92,9	6,9
Média 2016	75,5	
2016/2015 (%)		-3,3

*Estimativa



Fonte: FecomercioSP

PESQUISA DE ENDIVIDAMENTO E INADIMPLÊNCIA DO CONSUMIDOR (PEIC)

Em 2016, a proporção de famílias endividadas na capital paulista não apresentou grandes oscilações, abrindo o ano com 51,8% e estima-se que em dezembro 51% das famílias paulistanas tenham algum tipo de dívida. Diante de toda a instabilidade do quadro político e econômico, houve um esforço do consumidor em manter o orçamento equilibrado, sendo que, em junho, foi registrada a menor proporção do ano, de 49%.

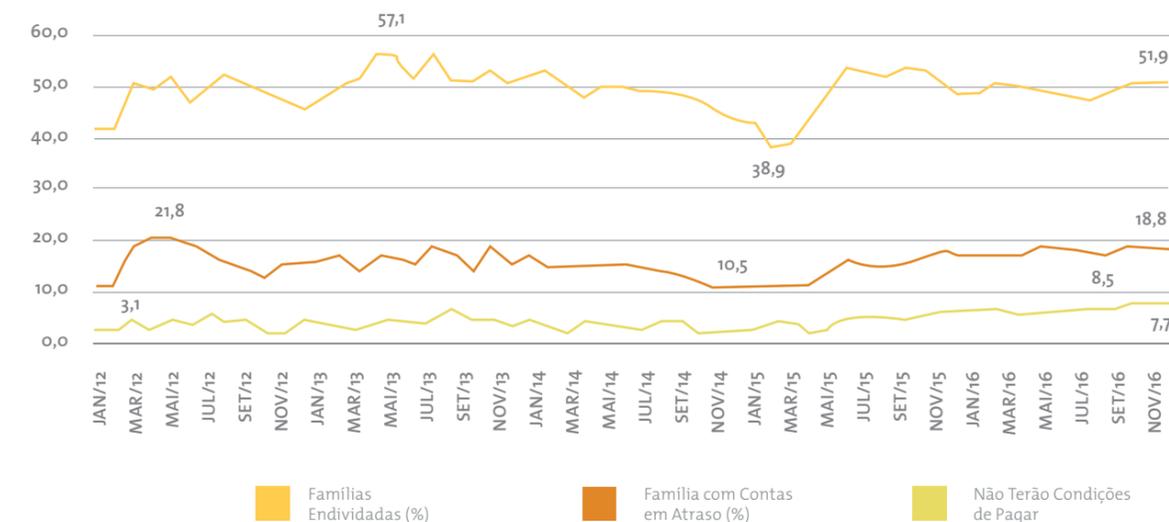
O cenário econômico, caracterizado por uma inflação e taxas de juros elevadas, redução da renda além do desemprego em ascensão, resultou no aumento da insegurança por parte do consumidor em relação às suas decisões de compra de bens e serviços, o que fica evidente ao observar a retração generalizada das vendas.

Ao longo de 2016, a elevação da inadimplência, motivada principalmente pelo desemprego, foi o dado mais preocupante. Em agosto, 19,9% das famílias paulistanas tinham alguma conta em atraso, a maior proporção desde maio de 2012. Também cresceu o número de famílias que declarou não ter condição de pagar as contas no próximo mês. A proporção de 8,5%, registrada em agosto, foi a maior em quase dez anos.

No primeiro semestre, um ponto de atenção foi a mudança no perfil da dívida das famílias, que passaram a utilizar com mais frequência linhas emergenciais de crédito. A proporção de famílias com dívida no cheque especial, por exemplo, atingiu o maior patamar da série histórica em junho, de 10,9%. Vale ressaltar que a taxa de juros cobrada ultrapassa os 320% a.a no caso do cheque especial e 480% a.a no rotativo do cartão de crédito.

MÊS	FAMÍLIAS ENDIVIDADAS (%)	FAMÍLIAS COM CONTAS EM ATRASO (%)	NÃO TERÃO CONDIÇÕES DE PAGAR (%)
Dez-15	50,0	17,2	7,3
Jan-16	51,8	17,2	7,2
Fev-16	51,1	17,1	6,5
Mar-16	51,6	18,4	6,7
Abr-16	51,1	18,3	6,4
Mai-16	50,1	18,8	7,1
Jun-16	49,0	17,6	7,2
Jul-16	49,2	17,3	7,3
Ago-16	51,5	19,9	8,5
Set-16	51,7	19,9	8,2
Out-16	51,9	18,8	7,7
Nov-16	52,7	18,5	7,6
* Dez/16	51,0	18,2	7,3

Fonte: FecomercioSP
*Estimativa



Fonte: FecomercioSP

PESQUISA DE RISCO E INTENÇÃO DE ENDIVIDAMENTO (PRIE)

A PRIE aponta um consumidor muito conservador e consciente dos efeitos da crise econômica sobre o orçamento doméstico, a começar pelo desemprego que atingiu patamares recordes neste ano. Esse consumidor não mostra propensão para se endividar, sabendo que não pode comprometer o orçamento que tem sido corroído pela inflação (que foi alta em 2015 e se manteve ainda elevada ao longo deste ano) e ameaçado pelo desemprego.

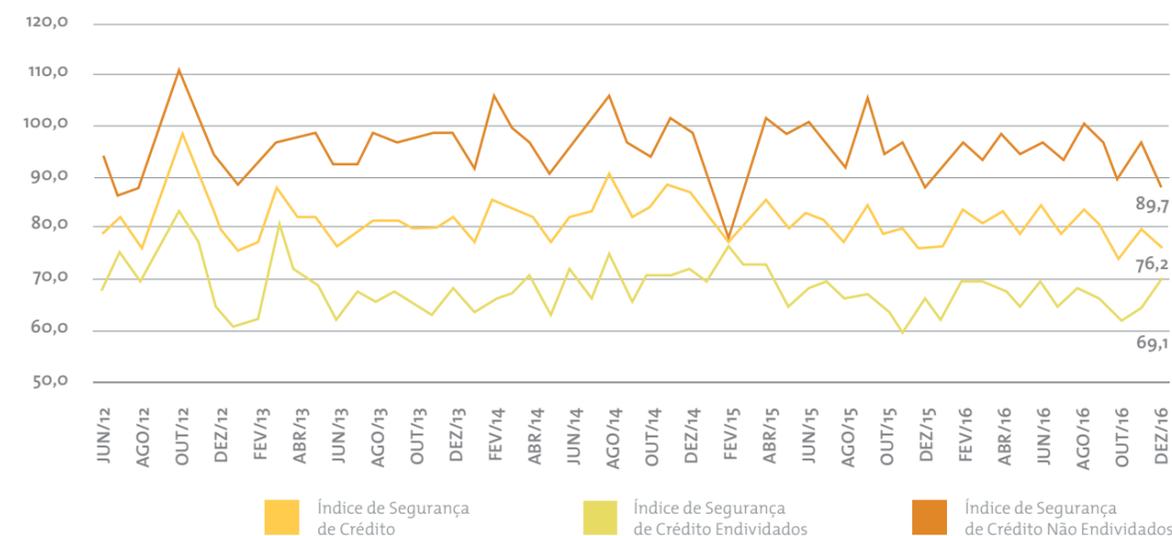
Este indicador ainda não reagiu aos ventos relativamente positivos que sopraram a partir do segundo semestre de 2016, até porque o desemprego continuou a crescer e assustar as famílias, apesar da redução recente do ritmo de cortes de vagas. Em dezembro, projeta-se que o índice de intenção de financiamento atingirá os 19,7 pontos, encerrando o ano com uma média de 16,8 pontos, 16,1% inferior à média registrada em 2015.

Certamente as famílias vão esperar esse cenário um pouco mais positivo se consolidar, com as expectativas se convertendo efetivamente em novos investimentos, emprego e renda, para apenas depois voltarem aos crediários. O mesmo ocorre com os bancos, que endureceram as regras para novos financiamentos durante a crise e ainda vão esperar um pouco antes de relaxar as restrições.

MÊS	VALOR MENSAL (EM PONTOS)	VARIAÇÃO MENSAL (EM %)
Dez-15	16,9	7,2
Jan-16	17,0	0,5
Fev-16	21,0	23,7
Mar-16	15,5	-26,0
Abr-16	14,3	-7,9
Mai-16	14,4	0,8
Jun-16	16,1	12,0
Jul-16	14,7	-8,5
Ago-16	15,3	3,5
Set-16	19,1	24,9
Out-16	15,7	-17,4
Nov-16	18,4	16,8
* Dez/16	19,7	7,2
Média 2016	16,8	
2016/2015 (%)		-16,1

*Estimativa

ÍNDICE DE SEGURANÇA DE CRÉDITO



Fonte: FecomercioSP

ÍNDICE DE PREÇOS DO VAREJO (IPV)

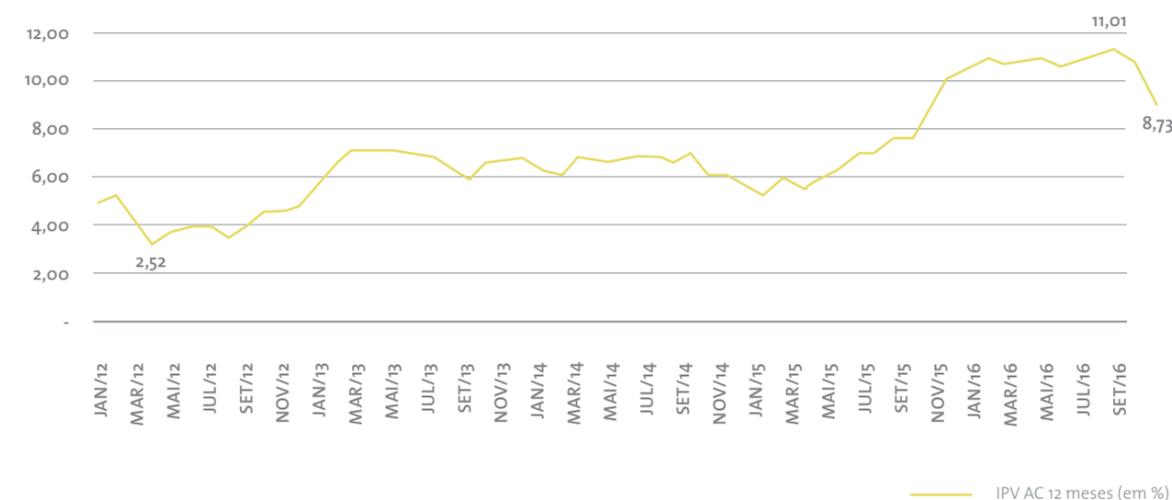
No primeiro semestre de 2016, os preços dos produtos comercializados no varejo da região metropolitana de São Paulo apontaram taxa de crescimento média de 0,82%, ligeiramente superior à observada no mesmo período do ano anterior: 0,79%. Já no período de julho a outubro, notou-se um crescimento médio de 0,25%, favorecendo a desaceleração do custo de vida na região. No cômputo dos dez meses do ano, a alta do IPV é de 6,09% e, nos últimos 12 meses até outubro, de 8,73%.

Ao longo de todo o ano, o segmento de Alimentação e bebidas exerceu a principal pressão de alta no IPV, descrevendo acréscimo de 9,43% em 2016. Alguns itens básicos da alimentação das famílias brasileiras acusam variação positiva acumulada significativa em 2016 e impulsionam os índices para cima, tal como observado com Feijão carioca (69,12%), Leite longa vida (15,82%), Café (12,35%) e Banana d'água (29,61%).

O segmento de Saúde e cuidados pessoais encerra os dez meses do ano acumulando variação de 11,16%. Os principais destaques deste grupo no período entre janeiro a outubro foram os medicamentos, a saber: Psicotrópico e anorexígeno (12,59%), Anti-inflamatório e antirreumático (10,67%), Hipotensor e hipocolesterolêmico (11,82%) e Antialérgico e bronco dilatador (12,12%).

Na segmentação por renda, os preços do varejo acabaram afetando de forma mais contundente as famílias que auferem rendimento menores. No acumulado em 10 meses, a classe E atinge variação acumulada de 7,36% e a classe D, 7,24%. Por outro lado, as classes A e B são as que menos têm sentido a escalada dos preços, encerrando o período com alta de 4,88% e 5,25%, respectivamente.

ATIVIDADE / GRUPO	PONDERAÇÃO (EM %)	VARIÇÕES (EM %)		
		OUT-16 / SET-16	ACUMULADO 12 MESES	ACUMULADO NO ANO
Geral	51,45	0,13	8,73	6,09
Alimentação e Bebidas	13,38	-0,58	12,92	9,43
Habitação	3,94	0,17	4,39	3,80
Artigos de Residência	5,18	-0,55	9,25	7,30
Vestuário	6,02	-0,01	3,64	1,36
Transportes	13,70	1,40	5,50	1,89
Saúde e Cuidados Pessoais	7,13	-0,24	12,54	11,16
Despesas Pessoais	1,69	-0,45	12,23	11,26
Educação	0,41	0,20	10,21	6,91



Fonte: IBGE
Elaboração: FecomercioSP

ÍNDICE DE PREÇOS DE SERVIÇOS (IPS)

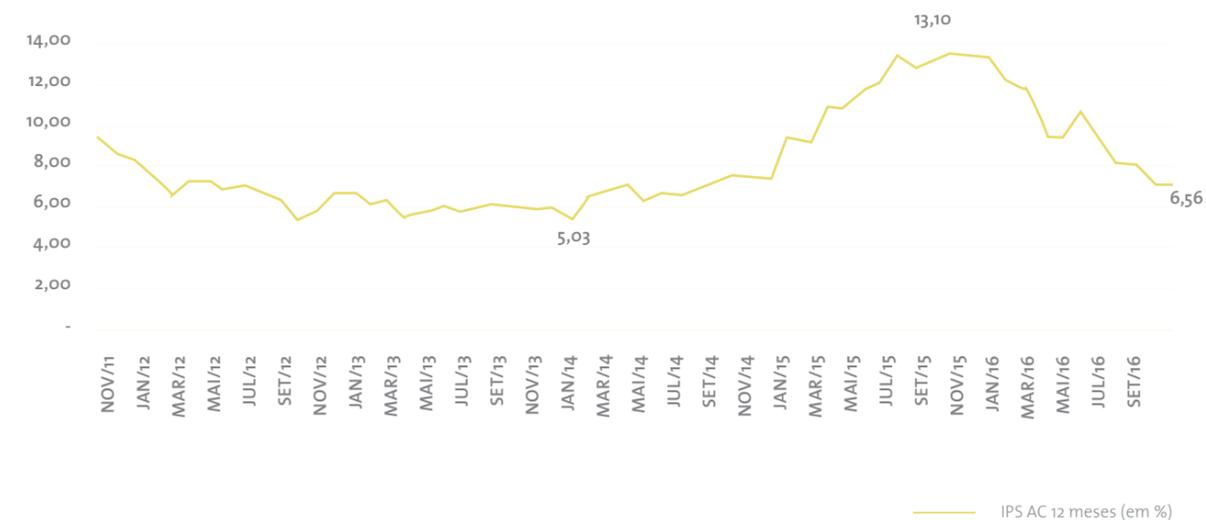
Os preços dos serviços na região metropolitana, apurados pelo IPS, subiram em média 0,61% na primeira metade de 2016. Nos meses de julho a outubro, todavia, o IPS passou a se elevar a uma média de 0,40%. No cômputo dos dez meses do ano, o indicador acusa incremento de 5,40%, bastante abaixo do observado no mesmo período de 2015, quando o IPS acumulava 13,1% de alta. No acumulado em 12 meses até outubro, a variação é de 6,56%.

Pelo segundo ano consecutivo, o segmento de Habitação exerceu a principal contribuição de alta no IPS, assinalando em 2016 incremento de 4,94%. No acumulado de janeiro a outubro, Taxa de água e esgoto aponta incremento de 47,05%; Conserto de máquina de lavar roupa, 6,08%; Mão de obra, 5,63%; e Conserto de refrigerador, 4,25%.

A segunda maior pressão, no cômputo do acumulado do ano, teve origem no segmento Saúde e cuidados pessoais, que encerrou o período com alta de 10,84%. Entre os itens, destacam-se Plano de saúde (7,71%) e Serviços laboratoriais e hospitalares (7,75%). Esta pressão ocasionou uma alteração significativa nos padrões de consumo das famílias, já que muitas delas não puderam se manter no sistema privado com as altas de preços consecutivas e persistentes. Prova disto é que houve uma saída massiva de consumidores dos planos de saúde.

O desempenho dos preços dos serviços acabou impactando mais as famílias de renda mais elevada, visto que para a classe A notou-se alta de 5,97% e na classe B o incremento foi de 5,80%, no acumulado de janeiro a outubro. As classes E e D, naturalmente por destinarem uma parcela menor de seus rendimentos para gastos com serviços, sentiram menos a alta dos preços e encerraram o período acumulando elevação de 5,03% e 4,85%, respectivamente.

ATIVIDADE / GRUPO	PONDERAÇÃO (EM %)	VARIACIONES (EM %)		
		OUT-16 / SET-16	ACUMULADO 12 MESES	ACUMULADO NO ANO
Geral	48,55	0,59	6,56	5,40
Alimentação e Bebidas	9,03	0,82	6,92	6,14
Habitação	12,84	0,16	5,99	4,94
Artigos de Residência	0,38	-0,29	3,87	2,50
Transportes	7,74	1,52	4,65	2,22
Saúde e Cuidados Pessoais	5,46	0,90	12,85	10,84
Despesas Pessoais	3,28	0,16	3,33	3,26
Educação	5,54	0,00	7,95	7,95
Comunicação	4,27	0,44	3,26	2,16



Fonte: IBGE
Elaboração: FecomercioSP

CUSTO DE VIDA POR CLASSE SOCIAL (CVCS)

No primeiro semestre de 2016, os preços apurados pelo CVCS apontaram alta média de 0,72% – acima da média de 1,01%, notada no mesmo período de 2015. As maiores variações foram registradas no primeiro bimestre: 0,95% em janeiro, e 0,98% em fevereiro. Na primeira metade do ano, o CVCS acumulava alta de 4,41%, graças às altas notadas em Alimentação e bebidas, Saúde e Habitação. No período em questão, estes setores acumulavam acréscimo de 5,66%, 8,46% e 4,61%, respectivamente.

Nos quatro meses disponíveis do segundo semestre, o CVCS ingressou finalmente em uma trajetória de desaceleração para uma média de 0,32%. Neste período, os preços se elevaram praticamente com a mesma intensidade, assinalando alta de 0,38%, em julho; 0,37%, em agosto; e 0,35%, em outubro. As pressões mais relevantes foram observadas praticamente nos mesmos grupos que pressionaram no primeiro semestre: Alimentação e bebidas e Saúde. A terceira maior alta foi notada no segmento de Habitação. No período compreendido entre janeiro a outubro de 2016, nota-se elevação de 8,11%, 11,05% e 4,7%, respectivamente.

Nos dez meses de 2016, as classes de renda que mais sentiram os aumentos no custo de vida foram a E (rendimento de até R\$ 976,58) e D (renda média de R\$ 976,59 a R\$ 1.464,87), já que acumulam no CVCS 6,45% e 6,29%. Para estes dois estratos de renda, o peso dos grupos que mais influenciaram ao longo do ano ultrapassa 60%, já que tendem a direcionar seus recursos, em primeiro lugar, para as despesas de subsistência.

CVCS (VARIÇÃO MENSAL EM %)	JAN/16	FEV/16	MAR/16	ABR/16	MAI/16	JUN/16	JUL/16	AGO/16	SET/16	OUT/16
Geral	0,95	0,98	0,51	0,68	0,86	0,34	0,38	0,37	0,19	0,35
Classe E	1,09	0,61	0,37	0,69	1,43	0,72	0,69	0,26	0,11	0,32
Classe D	1,14	0,61	0,37	0,74	1,35	0,68	0,70	0,18	0,11	0,25
Classe C	0,95	0,94	0,50	0,63	0,86	0,36	0,40	0,34	0,19	0,37
Classe B	0,84	1,24	0,60	0,62	0,65	0,23	0,22	0,39	0,25	0,36
Classe A	0,71	1,06	0,55	0,69	0,84	0,16	0,28	0,70	0,06	0,29

Fonte: IBGE
Elaboração: FecomercioSP

PESOS POR CLASSE (EM %)	SERVIÇOS	VAREJO
Geral	48,5	51,5
Classe E	39,4	60,6
Classe D	40,3	59,7
Classe C	47,5	52,5
Classe B	52,7	47,3
Classe A	53,1	46,9

Fonte: IBGE
Elaboração: FecomercioSP

ÍNDICE DE INTENÇÃO DE CONSUMO DAS FAMÍLIAS (ICF)

O índice de Intenção de Consumo das Famílias enfrentou em 2016 o seu pior período desde o início da série em 2010. O primeiro bimestre até que começou com duas altas seguidas de 3,8%, em janeiro; e 4,1% em fevereiro, mas que se deu por três motivos: o reajuste do salário mínimo, o período de oportunidade das liquidações e também a base fraca de comparação, uma vez que o ICF caiu 10 meses seguidos em 2015.

A partir de março, o indicador seguiu com quatro quedas consecutivas e atingiu 63,0 pontos em junho, o menor patamar histórico. Essa evolução da insatisfação foi resultado da recessão econômica com forte aumento do desemprego e inflação e pela turbulência política.

Com o voto de confiança à nova equipe econômica, houve a partir de julho cinco elevações seguidas, recuperando o indicador e chegando a novembro no seu maior patamar do ano com 73,9 pontos, alta 13,1% em relação ao mesmo período de 2015.

Porém, essa sequência positiva do ICF foi puxada principalmente pela melhora das expectativas do que uma mudança positiva no dia a dia do paulistano. Os itens que mais cresceram anualmente foram Perspectiva de Consumo e Perspectiva Profissional com 51,6% e 18,4%, respectivamente.

Portanto, com esses últimos dados positivos a expectativa tanto para dezembro quanto para o próximo ano é que continue essa tendência de crescimento com eventuais ajustes. Entretanto, para que esse aumento de satisfação se reverta em consumo de forma mais significativa, é necessário que as variáveis de emprego e renda melhorarem.

MÊS	VALOR MENSAL (EM PONTOS)	VARIAÇÃO MENSAL (EM %)
Dez-15	66,0	1,0
Jan-16	68,5	3,8
Fev-16	71,3	4,1
Mar-16	70,6	-1,1
Abr-16	66,7	-5,5
Mai-16	63,5	-4,7
Jun-16	63,0	-0,9
Jul-16	65,0	3,3
Ago-16	66,3	2,0
Set-16	69,9	5,4
Out-16	73,5	5,2
Nov-16	73,9	0,5
* Dez/16	74,0	0,1
Média 2016	68,9	
2016/2015 (%)		-18,1

*Estimativa



Fonte: FecomercioSP

PESQUISA DE EMPREGO NO COMÉRCIO VAREJISTA DO ESTADO DE SÃO PAULO — PESP VAREJO

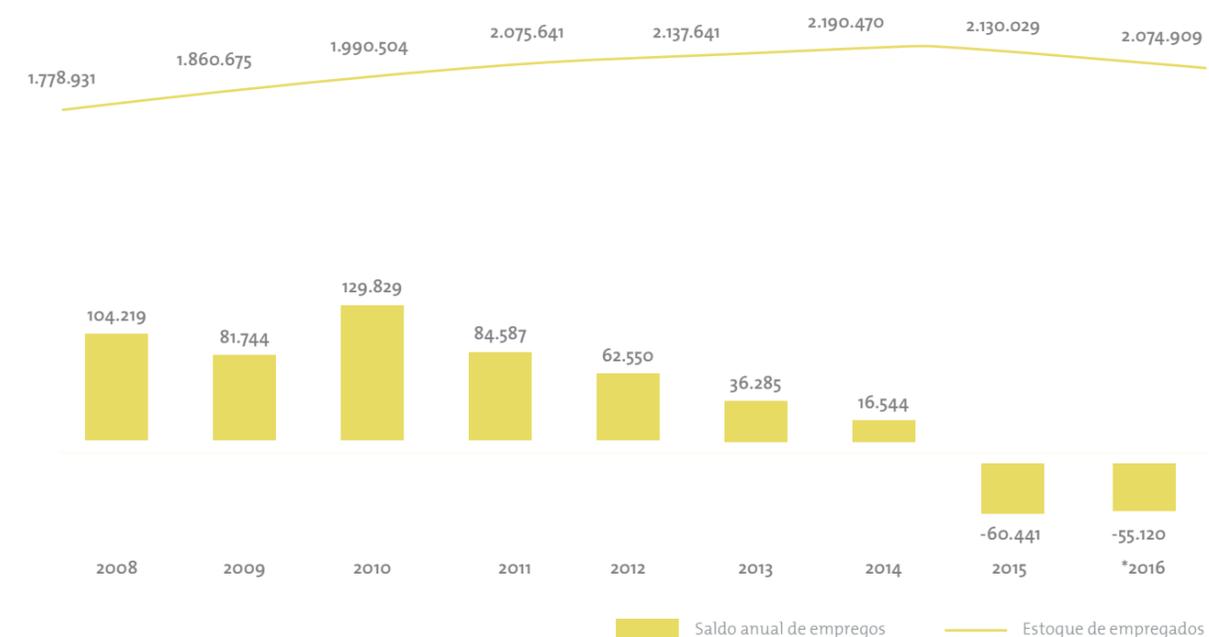
O mercado de trabalho formal do comércio varejista pelo segundo ano seguido sofrerá redução. Em 2016, projeta-se o fechamento de 55.120 postos de trabalho com carteira assinada no varejo do Estado de São Paulo, saldo de 838.687 admissões e 893.807 desligamentos. Assim, estima-se que o estoque ativo do varejo paulista encerrará o ano com 2.074.909 trabalhadores.

Importante ressaltar que a perda de vagas com carteira assinada neste ano será levemente inferior à registrada em 2015. Mais precisamente, projeta-se um saldo negativo mais ameno em 5.321 vagas, ou 8,8% menor. Do gráfico, fica claro que a geração anual de empregos formais no varejo paulista, após ter sofrido uma desaceleração em 2009 resultante dos impactos da crise mundial, se recuperou em 2010 e de lá para cá a abertura de novas vagas foi arrefecendo e culminou com o maior fechamento de postos de trabalho da história em 2015 (-60.441). Observa-se em 2016 continuidade da redução do mercado de trabalho, porém sensivelmente mais amena, sobretudo no segundo semestre, devido a uma tendência de estancamento dos grandes fechamentos de vagas.

ANO	ADMITIDOS	DESLIGADOS	SALDO ANUAL DE EMPREGOS	ESTOQUE DE EMPREGADOS
2008	977.082	-872.863	104.219	1.778.931
2009	956.949	-875.205	81.744	1.860.675
2010	1.127.429	-997.600	129.829	1.990.504
2011	1.212.337	-1.127.750	84.587	2.075.641
2012	1.207.716	-1.145.166	62.550	2.137.641
2013	1.226.478	-1.190.193	36.285	2.190.470
2014	1.223.748	-1.207.204	16.544	2.130.029
2015	1.012.329	-1.072.770	-60.441	2.074.909
*2016	838.687	-893.807	-55.120	2.074.909

*Estimativa

PESQUISA DE EMPREGO NO COMÉRCIO VAREJISTA - ESTADO DE SÃO PAULO



Fontes: Caged/FecomercioSP

RESULTADOS DO EMPREGO POR REGIÃO

Se a FecomercioSP estima um fechamento de 55.120 postos de trabalho formais no comércio varejista do Estado de São Paulo, projeta-se também que 28,7% deste saldo negativo seja gerado apenas na economia do setor na cidade de São Paulo. Serão 15.806 empregos formais a menos no varejo da capital paulista em 2016. Mesmo havendo saldo negativo em todas regiões paulistas, em número de vagas as que mais deverão extinguir vínculos formais são de Osasco, com -5.767 empregos, e Campinas, com -5.663 empregos.

Em relação à redução percentual do estoque ativo de trabalhadores, haverá recuo de 2,6% no Estado de São Paulo, com o saldo de -55.120 vagas. As maiores quedas proporcionais serão visualizadas nas regiões de Osasco (-4,0%) e Jundiaí (-3,5%). Por outro lado, mesmo também registrando redução do mercado de trabalho, os melhores desempenhos devem ser observados no varejo das regiões de Presidente Prudente (-1,4%) e de São José do Rio Preto (-1,5%). Já a capital paulista, que abriga 31,1% da força de trabalho celetista do varejo paulista, deverá ter seu estoque de trabalhadores reduzido em 2,4%.

REGIÕES	ESTOQUE DE EMPREGOS EM DEZ/2016	SALDO EM 12 MESES	VARIAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (%)
Capital	646.311	-15.806	-2,4
Litoral	82.490	-2.508	-3,0
Taubaté	101.494	-2.376	-2,3
Sorocaba	112.166	-2.705	-2,4
Campinas	196.995	-5.663	-2,8
Ribeirão Preto	140.172	-3.247	-2,3
Bauru	74.644	-1.303	-1,7
São José do Rio Preto	80.126	-1.206	-1,5
Araçatuba	34.933	-904	-2,5
Presidente Prudente	38.708	-558	-1,4
Marília	47.401	-1.335	-2,7
ABCD	110.306	-3.414	-3,0
Guarulhos	103.134	-3.231	-3,0
Osasco	136.642	-5.767	-4,0
Araraquara	67.280	-1.435	-2,1
Jundiaí	102.107	-3.662	-3,5
Estado de São Paulo	2.074.909	-55.120	-2,6

Fonte: FecomercioSP e Ministério do Trabalho
*Estimativa

RESULTADOS SETORIAIS

Das nove atividades varejistas avaliadas pela FecomercioSP, o destaque negativo será a de Lojas de vestuário, tecidos e calçados, que deverá fechar 16.647 postos de trabalho com carteira assinada em 2016. Já o varejo de Materiais de construção terá o segundo pior desempenho em número de vagas perdidas no ano, -12.819. Apenas os setores de supermercados (+4.109 vagas) e Farmácias e perfumarias (+3.556 vagas) terão mais trabalhadores admitidos que desligados em 2016. Este cenário confirma a tendência já apontada pela assessoria econômica da Entidade, em que fica claro que as atividades que comercializam bens essenciais sofreram menos os impactos da crise.

ATIVIDADES	ESTOQUE EM DEZ/2016	ADMITIDOS EM 2016	DESLIGADOS EM 2016	SALDO EM 2016	DEZ-16 DEZ-15 (%)
Autopeças e acessórios	127.106	41.225	-44.344	-3.119	-2,4
Concessionárias de veículos	73.613	23.724	-29.067	-5.343	-6,8
Farmácias e perfumarias	167.839	70.589	-67.033	3.556	2,2
Eletrodomésticos, eletrônicos e lojas de departamentos	184.495	74.498	-84.456	-9.958	-5,1
Materiais de construção	215.582	78.764	-91.583	-12.819	-5,6
Lojas de móveis e decoração	50.566	19.272	-22.596	-3.324	-6,2
Lojas de vestuário, tecidos e calçados	269.318	123.899	-140.546	-16.647	-5,8
Supermercados	649.805	274.318	-270.209	4.109	0,6
Outras atividades	336.585	132.398	-143.973	-11.575	-3,3
Total do Comércio Varejista	2.074.909	838.687	-893.807	-55.120	-2,6

Fonte: FecomercioSP e Ministério do Trabalho
*Estimativa

PESQUISA DE EMPREGO NO COMÉRCIO ATACADISTA DO ESTADO DE SÃO PAULO — PESP ATACADO

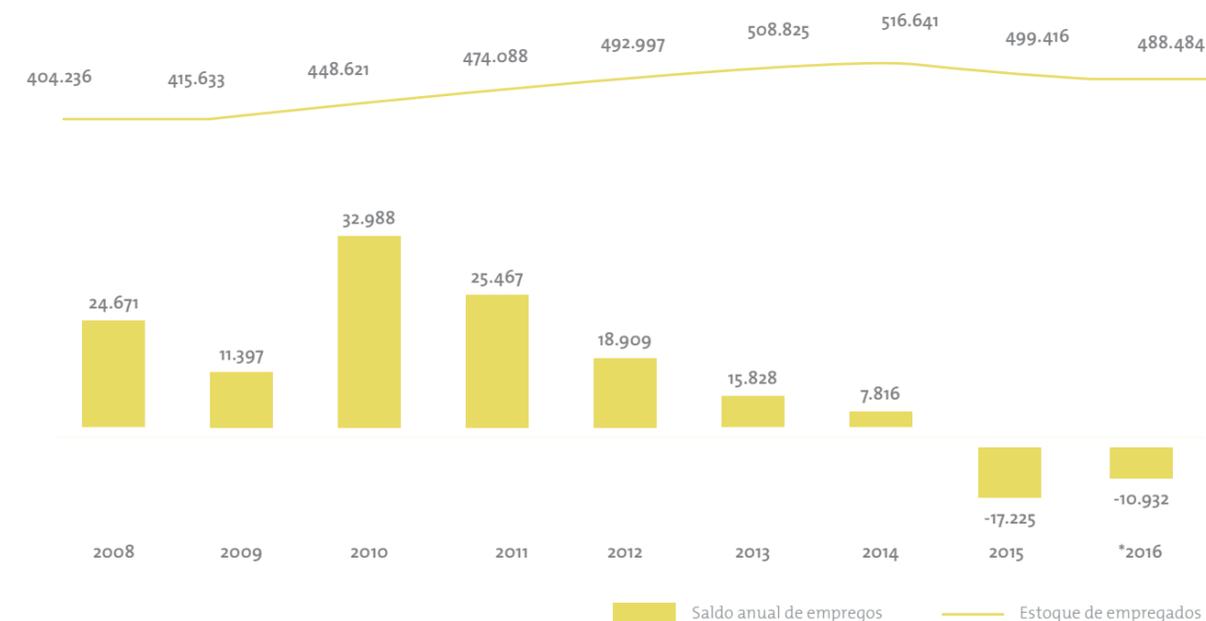
Assim como no varejo paulista, o mercado de trabalho formal do comércio atacadista sofrerá em 2016 redução pelo segundo ano seguido. Neste ano, projeta-se o fechamento de 10.932 postos de trabalho com carteira assinada no Estado de São Paulo, saldo de 163.077 admissões e 174.009 desligamentos. Assim, o setor atacadista paulista deve encerrar o ano com um estoque ativo de 488.484 trabalhadores.

Apesar do resultado negativo, observa-se um fechamento de postos de trabalho mais ameno em 2016, já que em 2015 o saldo foi negativo em 17.225 vagas. Se analisarmos o comportamento do mercado de trabalho desde 2008, tem-se um cenário semelhante ao do varejo, com o atacado paulista sofrendo os impactos da crise econômica em 2009, recuperando-se em 2010 e, a partir daí, há uma desaceleração da geração de empregos até 2014, culminado nos saldos negativos em 2015 e 2016.

ANO	ADMITIDOS	DESLIGADOS	SALDO ANUAL DE EMPREGOS	ESTOQUE DE EMPREGADOS
2008	193.704	-169.033	24.671	404.236
2009	185.236	-173.839	11.397	415.633
2010	223.164	-190.176	32.988	448.621
2011	237.568	-212.101	25.467	474.088
2012	232.127	-213.218	18.909	492.997
2013	238.825	-222.404	15.828	508.825
2014	237.310	-229.494	7.816	516.641
2015	189.178	-206.403	-17.225	499.416
*2016	163.077	-174.009	-10.932	488.484

*Estimativa

PESQUISA DE EMPREGO NO COMÉRCIO ATACADISTA - ESTADO DE SÃO PAULO



Fontes: Caged/FecomercioSP

RESULTADOS DO EMPREGO POR REGIÃO

Com uma redução de 10.932 vagas, o estoque ativo de trabalhadores do comércio atacadista do Estado de São Paulo recuará 2,2% em 2016. Observando a distribuição deste saldo negativo pelas regiões paulistas, projeta-se também que quase metade dele se concentrará na cidade de São Paulo. A previsão é de 5.142 empregos formais a menos no atacado paulistano em 2016. Depois da capital, a região de Osasco é a que mais perderá postos de trabalho, -2.701 no total. Por outro lado, a região de Jundiaí liderará a criação de empregos formais no setor atacadista em 2016, com +421 vínculos formais.

Em relação à redução percentual do estoque ativo de trabalhadores, as maiores quedas proporcionais serão visualizadas nas regiões de Osasco (-5,3%) e Taubaté (-4,1%). Por outro lado, haverá crescimento do mercado de trabalho do comércio atacadista nas regiões de Jundiaí (+2,1%) e de Presidente Prudente (+1,8%). Já a capital paulista, que concentra 41,5% da força de trabalho celetista do atacado paulista, deverá ter seu estoque de trabalhadores reduzido em 2,5%.

REGIÕES	ESTOQUE DE EMPREGOS EM DEZ/2016	SALDO EM 12 MESES	VARIAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (%)
Capital	202.562	-5.142	-2,5
Litoral	9.396	-25	-0,3
Taubaté	14.395	-618	-4,1
Sorocaba	19.779	-687	-3,4
Campinas	43.402	-729	-1,7
Ribeirão Preto	27.547	241	0,9
Bauru	10.503	-403	-3,7
São José do Rio Preto	14.250	-519	-3,5
Araçatuba	3.721	12	0,3
Presidente Prudente	4.754	85	1,8
Marília	6.095	-91	-1,5
ABCD	22.661	-606	-2,6
Guarulhos	28.048	-2	0,0
Osasco	48.132	-2.701	-5,3
Araraquara	13.133	-168	-1,3
Jundiaí	20.106	421	2,1
Estado de São Paulo	488.484	-10.932	-2,2

Fonte: FecomercioSP e Ministério do Trabalho
*Estimativa

RESULTADOS SETORIAIS

Das dez atividades atacadistas avaliadas pela FecomercioSP, em oito haverá redução do mercado de trabalho em 2016. Enquanto o comércio atacadista de produtos farmacêuticos e higiene pessoal deverá gerar 530 empregos formais e o atacado de energia e combustíveis outros 132 postos de trabalho, estima-se que o comércio atacadista de eletrônicos e equipamentos de uso pessoal sofrerá a maior redução absoluta de vagas e de estoque ativo de trabalhadores. Serão -3.381 empregos formais, ou recuo de 6,2% no estoque de empregos. Outro destaque negativo é o comércio atacadista de máquinas de uso comercial e industrial, com -2.636 empregos em 2016, que representa uma redução de 4,9% do estoque total de trabalhadores em relação a 2015.

ATIVIDADES	ESTOQUE DE EMPREGOS EM DEZ/2016	ADMITIDOS EM 2016	DESLIGADOS EM 2016	SALDO EM 2016	DEZ-16 DEZ-15 (%)
Alimentos e bebidas	143.334	56.953	-57.791	-838	-0,6
Prod. Farmacêuticos e higiene pessoal	57.524	18.719	-18.188	530	0,9
Tecidos, vestuário e calçados	22.479	7.769	-8.629	-860	-3,7
Eletrônicos e equipamentos de uso pessoal	50.835	16.199	-19.580	-3.381	-6,2
Máquinas de uso comercial e industrial	50.788	13.639	-16.275	-2.636	-4,9
Materiais de construção, madeira e ferramentas	32.914	10.171	-11.516	-1.344	-3,9
Produtos químicos, metalúrgicos e agrícolas	32.204	9.475	-9.554	-79	-0,2
Papel, resíduos, sucatas e metais	47.487	15.346	-16.554	-1.208	-2,5
Energia e combustíveis	12.203	2.552	-2.420	132	1,1
Outras atividades	38.717	12.254	-13.501	-1.247	-3,1
Total do Comércio Atacadista	488.484	163.077	-174.009	-10.932	-2,2

Fonte: FecomercioSP e Ministério do Trabalho
*Estimativa

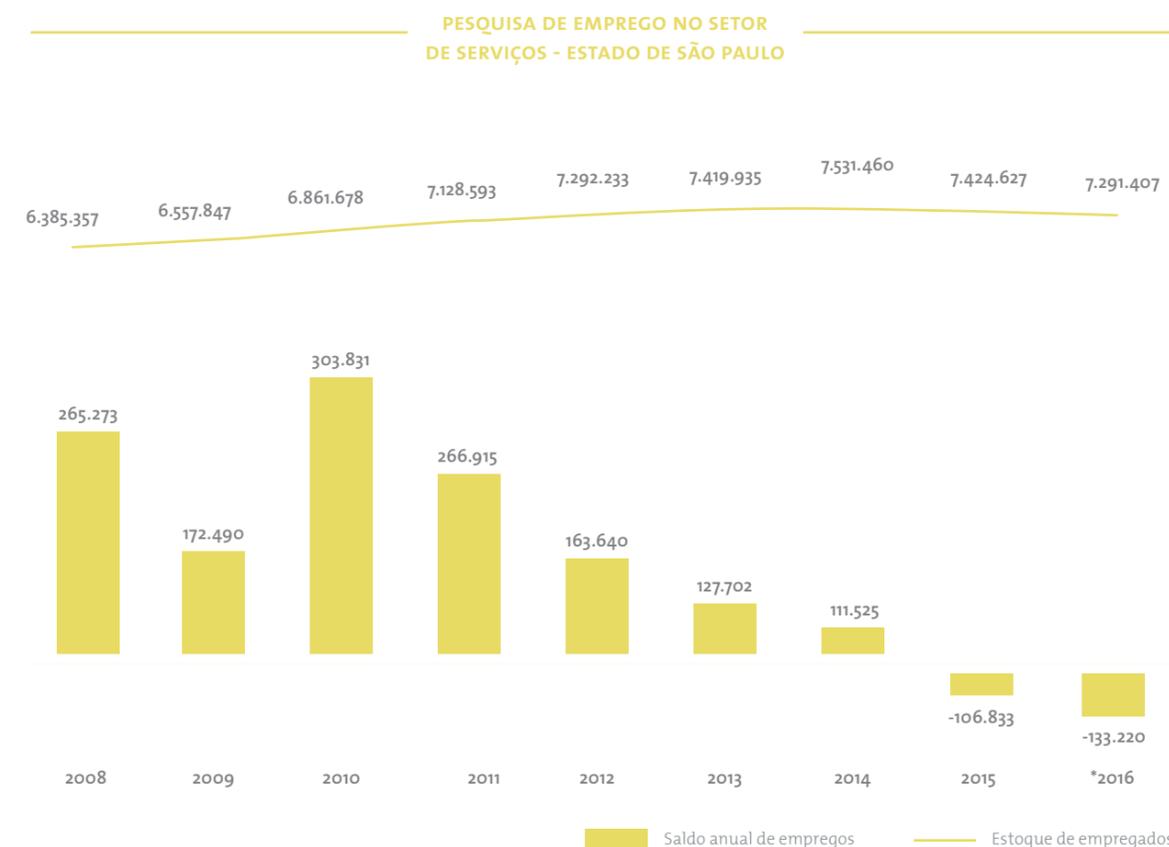
PESQUISA DE EMPREGO NO SETOR DE SERVIÇOS DO ESTADO DE SÃO PAULO – PESP SERVIÇOS

O setor de serviços do Estado de São Paulo deverá perder 133.220 empregos celetistas em 2016, saldo de 2.030.862 admissões e 2.164.082 desligamentos, o pior resultado desde o início da série histórica. Em 2015, foram extintos 106.833 empregos formais, ou seja, serão 26.387 vínculos perdidos a mais em 2016. Estima-se que o estoque ativo de trabalhadores dos setores de serviços no Estado de São Paulo encerre o ano com 7.291.407 trabalhadores com carteira de trabalho assinada.

Observando o saldo anual de vagas do setor de serviços paulista visualiza-se desaceleração do saldo positivo entre os anos de 2010 e 2014 e retração acelerada de vagas nos anos de 2015 e 2016. Somando-se a perda de vagas nos últimos dois anos, o saldo será de 240 mil vagas formais extintas.

ANO	ADMITIDOS	DESLIGADOS	SALDO ANUAL DE EMPREGOS	ESTOQUE DE EMPREGADOS
2008	2.260.492	-1.995.219	265.273	6.385.357
2009	2.169.507	-1.997.017	172.490	6.557.847
2010	2.599.124	-2.295.293	303.831	6.861.678
2011	2.891.052	-2.624.137	266.915	7.128.593
2012	2.823.473	-2.659.833	163.640	7.292.233
2013	2.863.544	-2.735.842	127.702	7.419.935
2014	2.898.439	-2.786.914	111.525	7.531.460
2015	2.442.670	-2.549.503	-106.833	7.424.627
*2016	2.030.862	-2.164.082	-133.220	7.291.407

*Estimativa



Fontes: Caged/FecomercioSP

RESULTADOS DO EMPREGO POR REGIÃO

Em nenhuma região do Estado de São Paulo o setor de serviços terá em 2016 mais admissões de funcionários que desligamentos, isto é, saldo positivo no movimento da mão de obra. Das 133.220 vagas perdidas na economia paulista, 60.075 empregos serão eliminados nos serviços da economia paulistana, seguida pela região de Osasco, com -14.422 vagas, e Campinas, que deverá fechar 12.323 postos de trabalho em 2016.

Observando a variação do estoque ativo de trabalhadores, as maiores reduções se dão nas regiões do Litoral, com -3,3%, e Osasco, com outros -2,9%. Por outro lado, as reduções mais amenas de vagas ocorrerão nas regiões de Araraquara, -0,2% e de Ribeirão Preto, -0,4%.

REGIÕES	ESTOQUE DE EMPREGOS EM DEZ/2016	SALDO EM 12 MESES	VARIAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (%)
Capital	3.461.218	-60.075	-1,7
Litoral	272.219	-9.286	-3,3
Taubaté	286.898	-6.104	-2,1
Sorocaba	247.882	-3.917	-1,6
Campinas	537.944	-12.323	-2,2
Ribeirão Preto	301.682	-1.188	-0,4
Bauru	187.670	-1.831	-1,0
São José do Rio Preto	166.022	-1.483	-0,9
Araçatuba	74.137	-476	-0,6
Presidente Prudente	91.650	-694	-0,8
Marília	98.263	-981	-1,0
ABCD	373.949	-8.711	-2,3
Guarulhos	285.923	-7.907	-2,7
Osasco	482.342	-14.422	-2,9
Araraquara	162.177	-295	-0,2
Jundiaí	261.431	-3.527	-1,3
Estado de São Paulo	7.291.407	-133.220	-1,8

Fonte: FecomercioSP e Ministério do Trabalho
*Estimativa

RESULTADOS SETORIAIS

Apenas uma atividade do setor de serviços do Estado de São Paulo encerrará o ano de 2016 com crescimento do mercado de trabalho. Será a atividade de serviços médicos, odontológicos e serviços sociais, com a geração de 8.433 empregos com carteira assinada. Por outro lado, estima-se que as atividades com maiores reduções do quadro funcional em número de vagas serão dos serviços de transporte e armazenagem, -33.893 empregos formais em 2016, e os serviços administrativos e complementares, com -52.924 empregos. Mais especificamente em tais atividades, destaques negativos aos serviços de teleatendimento, serviços de segurança e também de transportes rodoviários.

Outra importante constatação é avaliar qual atividade do setor de serviços do Estado de São Paulo mais sentirá proporcionalmente redução do quadro ativo de trabalhadores. Neste caso, fica em destaque o setor de serviços de transporte e armazenagem, com queda de 4,3% no estoque e os serviços profissionais, científicos e técnicos, com recuo de 3,5%. Neste último caso, tal atividade é puxada pelos serviços de engenharia. Por outro lado, os serviços médicos, odontológicos e serviços sociais crescerá 1,1% e o mercado de trabalho dos serviços na administração pública, defesa e seguridade social se reduzirá apenas 0,1%.

ATIVIDADES	ESTOQUE DE EMPREGOS EM DEZ/2016	ADMITIDOS EM 2016	DESLIGADOS EM 2016	SALDO EM 2016	DEZ-16 DEZ-15 (%)
Transporte e armazenagem	751.054	221.999	-255.892	-33.893	-4,3
Alojamento e alimentação	563.030	290.457	-305.060	-14.602	-2,5
Informação e comunicação	331.769	109.071	-119.544	-10.473	-3,1
Financeiras e de seguros	350.742	52.211	-56.182	-3.971	-1,1
Imobiliárias	45.169	15.123	-15.814	-691	-1,5
Profissionais, científicas e técnicas	345.620	129.330	-141.774	-12.444	-3,5
Administrativas e serviços complementares	1.531.959	738.904	-791.828	-52.924	-3,3
Adm. Pública, Defesa e seguridade social	1.699.404	31.616	-32.678	-1.061	-0,1
Educação	506.262	122.596	-127.121	-4.525	-0,9
Médicos, odontológicos e serviços sociais	751.606	185.827	-177.394	8.433	1,1
Artes, cultura e esportes	76.811	27.809	-29.575	-1.766	-2,2
Outras atividades de serviços	337.981	105.917	-111.220	-5.303	-1,5
Total do Setor de Serviços	7.291.407	2.030.862	-2.164.082	-133.220	-1,8

Fonte: FecomercioSP e Ministério do Trabalho

PESQUISA CONJUNTURAL DO COMÉRCIO VAREJISTA (PCCV)

O comércio varejista do estado de São Paulo deverá apresentar, no fim de 2016, uma taxa nula de crescimento, com um faturamento real acumulado de R\$ 580 bilhões, montante similar ao obtido em 2015. Apesar de o resultado estar muito aquém do desejável, sua avaliação deve levar em conta a superação dos prognósticos que foram traçados no início do ano, estimando uma nova queda anual de vendas ao redor de 5% após ter registrado uma retração de 6,3% em 2015, o pior desempenho anual da história recente do varejo paulista.

O varejo paulista viveu, em 2016, dois momentos distintos: até maio permaneceu dentro de uma trajetória recessiva iniciada em meados de 2014, apresentando sucessivos resultados mensais negativos, diante de um cenário de instabilidade política sem precedentes, chegando em maio com uma queda acumulada no ano de 2,6%. Em junho, dentro de uma expectativa de melhoria apontada pelos indicadores antecedentes da FecomercioSP, observou-se a primeira taxa positiva mensal de uma série de quatro resultados sucessivos de crescimento, algo que não ocorria desde o quadrimestre de novembro de 2013 a fevereiro de 2014, ou seja, há 27 meses.

A prolongada crise nas vendas do comércio, cujo ápice ocorreu no 2º semestre de 2015, teve início com a baixa confiança dos consumidores e empresários, formada pela conjunção de fatores negativos (queda da atividade econômica, alta da inflação, desemprego, alta de juros, elevado endividamento e instabilidade política), que induziu a um comportamento cauteloso por parte dos consumidores.

Diante de um cenário negativo e de grandes incertezas, as famílias passaram a evitar dispêndios da renda futura com aquisição de bens duráveis. Houve relutância tanto por parte da oferta como da demanda no âmbito do crédito, com as financeiras temendo o aumento do risco de inadimplência e as famílias evitando o endividamento.

Nesse ambiente, os segmentos mais afetados foram, inicialmente aqueles ligados aos bens duráveis, o que gradativamente se estendeu também para os semiduráveis (artigos de vestuário), preservando apenas os segmentos ligados a produtos essenciais e de primeira necessidade (Supermercados e Farmácias).

No quadro recente, já se pode agregar a esse grupo restrito também o setor de Autopeças, indiretamente beneficiados pela forte e prolongada queda nas vendas de automóveis novos.

Como conclusão geral, pode-se deduzir que há indícios claros de uma reversão de ciclo no varejo detectada a partir do segundo semestre de 2016 – possível de ser notada no gráfico a seguir –, mas sua recuperação tende a ser lenta e gradual, dada a forte deterioração dos fundamentos econômicos.

Diferentemente de 2015, quando o varejo em todas as regiões apresentaram quedas anuais nas vendas, em 2016 estima-se que 11 regiões registrem crescimento no faturamento real acumulado no ano. Mesmo assim o resultado final tende a não ser de crescimento em razão de as cinco regiões que devem registrar quedas de vendas, onde se inclui a capital, representam 52% do movimento geral do comércio paulista.

O Litoral e Araraquara devem mostrar os desempenhos positivos mais relevantes, com crescimento de 7,1% e 5,7%. No sentido oposto, as maiores quedas no varejo tendem a ocorrer em Osasco e Bauru, com taxas negativas de 12,8% e 2,3%, respectivamente.

ATIVIDADE	PCCV			
	FATURAMENTO DE 2016**	ESTIMATIVAS PARA 2016		CONTRIBUIÇÕES (EM P.P)
		PARTICIPAÇÃO (%)	2016/2015 (%)	
Autopeças e acessórios	11.813.784	2,0	5	0
Concessionárias de veículos	64.753.172	11,2	-6	-1
Farmácias e perfumarias	43.807.614	7,6	11	1
Eletrodomésticos, eletrônicos e lojas de departamentos	40.824.701	7,0	-15	-1
Materiais de construção	38.970.599	6,7	-7	0
Lojas de móveis e decoração	7.550.162	1,3	-7	0
Lojas de vestuário, tecidos e calçados	46.701.751	8,1	-7	-1
Supermercados	203.185.590	35,0	6	2
Outras atividades	122.428.615	21,1	0	0
Total do Comércio Varejista	580.035.987	100,0	0	0

Fonte: FecomercioSP e Sefaz/SP
*Em R\$ mil a preços de set/2016
**Faturamento do último trimestre estimado em R\$ mil



MELHORES E PIORES DESEMPENHOS: REGIONAL

LITORAL

O comércio varejista do Litoral deverá apresentar em 2016 o melhor resultado regional de acordo com as projeções, com 7,1% de crescimento em relação a 2015 e um faturamento real de R\$ 22,4 bilhões, um ganho de R\$ 1,5 bilhão em relação ao ano anterior.

Das nove atividades pesquisadas, cinco devem apontar alta nas vendas no ano e as mais importantes, em termos de contribuição absoluta, são, a saber: Supermercados com 14,6% (5,9 p.p), Outras Atividades com 6,5% (1,2 p.p) e Farmácias e Perfumarias com 12,1% (1,2 p.p).

Para as vendas de dezembro, mês do Natal, a expectativa é que haja crescimento de 4,7% contra 2015. A tendência para o varejo da região do Litoral é que 2017 também seja positivo com alta de 6%.

ARARAQUARA

O faturamento real do comércio varejista de Araraquara deve atingir R\$ 16 bilhões em 2016, crescimento de 5,7% que representa R\$ 850 milhões movimentados a mais no ano.

Os supermercados tendem a influenciar fortemente o desempenho da região. Segundo as expectativas, a alta no setor deve ser de 12,3% e por ter o maior peso a contribuição absoluta será próximo a quatro pontos percentuais. As receitas de Outras Atividades devem crescer 7% no ano com 1,6 p.p de participação, segunda maior influência.

As vendas de dezembro, mês de celebração do Natal, devem apresentar crescimento de 8,5%. Em 2017, o faturamento varejista da região deve aumentar 8,0%.

OSASCO

O pior desempenho regional da PCCV em 2016 deverá ser de Osasco. De acordo com as projeções, o varejo da região apresentará forte retração de 12,8% nas vendas e o faturamento real atingirá quase 50 bilhões de reais, R\$ 7,3 bilhões a menos que em 2015.

A maioria dos setores tende a ficar no negativo no ano e o destaque deve ser o de eletrodomésticos, eletrônicos e lojas de departamentos pela queda de 50,9% e -7,4 pontos percentuais de contribuição absoluta. A segunda maior influência deve ser de Outras Atividades que tem queda projetada de 14% e -5 p.p de influência.

Para dezembro, a expectativa é que o varejo registre recuo de 16,7% nas vendas e -14% para o próximo ano.

BAURU

O varejo da região de Bauru deve registrar, segundo projeção, retração no ano de 2,3% nas vendas e o faturamento real estimado para 2016 é de pouco mais de 17 bilhões de reais, R\$ 410 milhões a menos que no ano anterior.

Quem deve influenciar de maneira mais significativa o desempenho da região são os Supermercados que devem registrar queda nas vendas de 8,2% e -3,1 pontos percentuais de participação absoluta. Vale destacar que esta atividade tem forte relevância para região e caso fosse desconsiderado o setor, o varejo de Bauru crescerá quase 1% no ano.

E as projeções tanto para o Natal quanto para o próximo ano também são negativas de -4,7% e -3%, respectivamente.

REGIÃO	DADOS ANUAIS 2016		
	FATURAMENTO DE 2016**	PARTICIPAÇÃO (%)	2016/2015 (%)
São Paulo (Capital)	181.531.648	31,3	-0,2
Litoral	22.444.672	3,9	7,1
Taubaté	27.424.481	4,7	2,4
Sorocaba	32.136.811	5,5	3,1
Campinas	50.653.265	8,7	0,5
Ribeirão Preto	33.709.046	5,8	2,3
Bauru	17.207.604	3,0	-2,3
São José do Rio Preto	18.950.852	3,3	-2,0
Araçatuba	8.979.423	1,5	3,2
Presidente Prudente	8.548.458	1,5	1,0
Marília	12.417.739	2,1	5,0
ABCD	32.850.658	5,7	0,7
Guarulhos	33.095.125	5,7	-1,0
Osasco	49.717.094	8,6	-12,8
Araraquara	15.973.774	2,8	5,7
Jundiaí	34.403.166	5,9	2,1
Total do Comércio Varejista	580.043.817	100,0	0

Fonte: FecomercioSP e Sefaz/SP
*Em R\$ mil a preços de out/2016
**Faturamento do último trimestre estimado em R\$ mil

PROJEÇÕES PARA DEZEMBRO — NATAL

A despeito do início do processo de reversão do ciclo de quedas nas vendas observado a partir de junho, não há elementos que sustentem uma previsão otimista para o movimento varejista de dezembro de 2016.

Por um lado, há a persistência do quadro de retração da renda e elevada taxa de desemprego, elementos de difícil correção a curto prazo. Aliado a isso, as altas taxas de juro e dificuldade de acesso ao crédito tendem ser presentes também neste dezembro. Também o ritmo das atividades se mantém travado, mostrando reações tímidas e muito localizadas.

A despeito disso, o elemento mais importante para sustentação da expansão sazonal, que ocorre em dezembro em comparação aos demais meses, é o ingresso do 13º salário, que, em 2016, tende a ser inferior em 2,8% ao volume pago em 2015, em termos reais (descontada a inflação), conforme se observa na tabela a seguir.

Tal queda, decorrência da corrosão na massa de rendimentos havida em 2016, é o elemento impeditivo para a projeção de uma expansão de vendas no fim do ano.

Por outro lado, há elementos negativos menos graves do que aqueles verificados no ano passado no fim do ano. A inflação encontra-se em trajetória de queda, o comércio tem hoje um horizonte menos pessimista e com estoques mais adequados e os índices de confiança do consumidor, em especial aqueles relativos às suas expectativas, estão muito acima dos observados no último trimestre de 2015.

Considere-se também que a base comparativa se dará com o pior desempenho de dezembro já registrado pelo varejo paulista, que ocorreu em 2015, com queda de 4,3% sobre dezembro do ano anterior, quando também se apurou forte retração do consumo com queda de 4,6% sobre dezembro de 2013.

Esses elementos positivos, ou menos negativos, ao lado de uma base comparativa extremamente frágil projetam que o varejo em dezembro não registre nova retração, mantendo-se no mesmo patamar de movimento apurado em 2015, com possibilidade maior de mostrar um leve crescimento do que uma nova retração.

DESTINAÇÃO DOS RECURSOS DO 13º SALÁRIO EM 2015-2016 - ESTADO DE SÃO PAULO

VALORES EM R\$ BILHÕES NOMINAIS	2015	2016
13º Salário	53,5	57,8
Injeção em nov/dez	42,8	46,2
Destinação para compras	11,6	12,0
Variação real (em %)*	-1,5	-2,8

Fonte dados brutos: DIEESE
Cálculos: FecomercioSP
*Descontada a inflação de 12 meses

ATIVIDADE	PCCV	
	ESTIMATIVAS PARA DEZEMBRO	
	FATURAMENTO DEZ/2016**	2016/2015 (%)
Autopeças e acessórios	1.026.407	7,7
Concessionárias de veículos	5.473.135	-6,2
Farmácias e perfumarias	4.393.732	9,2
Eletrodomésticos, eletrônicos e lojas de departamentos	4.393.169	-19,3
Materiais de construção	3.031.945	-3,8
Lojas de móveis e decoração	714.216	-11,1
Lojas de vestuário, tecidos e calçados	6.671.113	-3,7
Supermercados	21.527.832	5,7
Outras atividades	11.878.201	0,9
TOTAL DO COMÉRCIO VAREJISTA	59.109.751	-0,3

Fonte: FecomercioSP e Sefaz/SP
*Em R\$ mil a preços de out/2016
**Faturamento estimado em R\$ mil

REGIÃO	PCCV	
	ESTIMATIVAS PARA DEZEMBRO	
	FATURAMENTO DEZ/2016**	2016/2015 (%)
São Paulo (Capital)	18.683.473	-0,1
Litoral	2.515.129	4,7
Taubaté	2.876.625	1,0
Sorocaba	3.420.537	7,4
Campinas	5.125.990	-0,2
Ribeirão Preto	3.384.421	3,4
Bauru	1.721.471	-4,7
São José do Rio Preto	1.911.229	-0,1
Araçatuba	878.172	0,3
Presidente Prudente	863.831	0,8
Marília	1.270.534	4,7
ABCD	3.402.649	2,7
Guarulhos	3.285.158	0,3
Osasco	4.658.675	-16,7
Araraquara	1.642.629	8,5
Jundiaí	3.469.228	3,5
TOTAL DO COMÉRCIO VAREJISTA	59.109.751	-0,3

Fonte: FecomercioSP e Sefaz/SP
*Em R\$ mil a preços de out/2016
**Faturamento estimado em R\$ mil

PROJEÇÕES DO COMÉRCIO VAREJISTA PARA 2017

A recuperação das vendas deve ser um processo longo e bem gradual. Não se devem esperar resultados expressivos em 2017, dada a profundidade da atual recessão, a forte corrosão observada na renda das famílias, principalmente as de menor poder aquisitivo e o tempo necessário para maturação de novos investimentos.

A aprovação da política de teto para os gastos públicos e a manutenção de um ciclo de queda nas taxas básicas de juros tendem a restaurar a confiança dos agentes econômicos, estimulando novos investimentos e criando as bases para um melhor controle da inflação, que tende a lentamente convergir para o centro da meta.

É esperada para o Estado de São Paulo uma recuperação mais rápida do que para o Brasil. A economia paulista deve se beneficiar mais intensamente de uma eventual melhoria da indústria e do comércio externo, que tem impactos positivos mais intensos sobre a renda.

O varejo paulista tende a mostrar em 2017 uma leve recuperação de vendas, com crescimento de 1%.

REGIÃO	ESTIMATIVAS ANUAIS 2017		
	FATURAMENTO DE 2017**	PARTICIPAÇÃO (%)	2017/2016 (%)
São Paulo (Capital)	182.528.084	31,3	1
Litoral	23.762.276	4,1	6
Taubaté	28.228.944	4,8	3
Sorocaba	33.632.298	5,8	5
Campinas	51.504.602	8,8	2
Ribeirão Preto	35.026.264	6,0	4
Bauru	16.762.820	2,9	-3
São José do Rio Preto	18.976.209	3,3	0
Araçatuba	9.194.799	1,6	2
Presidente Prudente	8.692.991	1,5	2
Marília	13.163.119	2,3	6
ABCD	34.070.476	5,8	4
Guarulhos	32.616.419	5,6	-1
Osasco	42.598.480	7,3	-14
Araraquara	17.265.617	3,0	8
Jundiaí	35.330.916	6,1	3
Total do comércio varejista	583.354.311	100,0	1

Fonte: FecomercioSP e Sefaz/SP
*Em R\$ mil a preços de out/2016
**Faturamento estimado em R\$ mil

PESQUISA CONJUNTURAL DO COMÉRCIO ELETRÔNICO (PCCE)

O faturamento real do comércio eletrônico, apurado pela PCCE, revelou que ao longo dos três trimestres de 2016 que, houve uma perda de dinamismo nesta atividade, reduzindo sua participação nas vendas do comércio geral. No primeiro trimestre o comércio eletrônico representava 2,7% do comércio geral, passando para 2,6% no segundo e, finalmente, 2,4% no terceiro.

O ticket médio das transações, seguiu a mesma tendência e também se reduziu, passando de R\$ 389,29 no primeiro trimestre do ano, R\$ 387,04 no segundo e R\$ 373,6 no terceiro.

Dentre as dezesseis regiões que integram a PCCE, somente uma aponta variação positiva no cômputo do acumulado em 2016, a Capital de São Paulo, que atinge acréscimo de 7,1%. Em Presidente Prudente, na contramão, observa-se a maior queda no acumulado do período: 25,7%.

O resultado da PCCE – até o terceiro trimestre do ano – revela os efeitos da conjuntura, marcada por um aumento no nível de desemprego, juros elevados e das altas nos preços de produtos e serviços básicos, que restringem a renda das famílias. Com isso, o consumo de bens essenciais passou a ser priorizado, em detrimento dos demais e o varejo sentiu este arrefecimento no consumo.

No último trimestre, é possível que haja uma recuperação no faturamento real do comércio eletrônico, já que é o mês da Black Friday, período em que há um forte estímulo para a realização de compras pela internet e a injeção do décimo terceiro na renda das famílias.

PERÍODO	FATURAMENTO REAL*	TRIMESTRE / MESMO TRIMESTRE DO ANO ANTERIOR (%)	PARTICIPAÇÃO DO E-COMMERCE NO VAREJO	TICKET MÉDIO REAL E-COMMERCE (R\$)
1º trimestre de 2016	3.709.507	-7,4	2,7	R\$ 389,29
2º trimestre de 2016	3.582.615	1,4	2,6	R\$ 387,04
3º trimestre de 2016	3.437.386	-6,6	2,4	R\$ 373,60

Fonte: FecomercioSP e E-bit
*Em R\$ mil a preços de out/16

REGIÃO	FATURAMENTO REAL 3º TRIMESTRE DE 2016*	3º TRIM-2016 / 3º TRIM-2015 (%)	VARIAÇÃO ACUMULADA NO ANO (%)	VARIAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (%)
São Paulo (Capital)	1.595.817	17,9	7,1	1,6
Litoral	122.222	-30,3	-16,6	-12,2
Taubaté	134.081	-31,4	-10,9	-5,1
Sorocaba	127.051	-22,9	-9,3	-6,9
Campinas	246.971	-23,4	-9,1	-4,5
Ribeirão Preto	126.864	-23,4	-17,0	-15,2
Bauru	85.889	-18,3	-22,3	-22,6
São José do Rio Preto	77.853	-13,7	-14,3	-13,3
Araçatuba	42.105	-24,6	-16,7	-5,3
Presidente Prudente	45.390	-26,9	-25,7	-12,0
Marília	50.713	-37,3	-20,2	-10,9
ABCD	180.952	-16,9	-5,9	-9,2
Guarulhos	169.975	-6,7	-8,3	-8,9
Osasco	203.155	-16,1	-0,9	-1,2
Araraquara	92.047	-11,2	-13,8	-13,2
Jundiaí	136.300	-16,3	-8,2	-0,4
Total do Comércio Eletrônico	3.437.386	-6,6	-4,4	-4,6

Fonte: FecomercioSP e E-bit
*Em R\$ mil a preços de out/2016

PESQUISA CONJUNTURAL DO SETOR DE SERVIÇOS (PCSS)

A crise econômica e política afetou o setor produtivo como um todo no país. Desde janeiro de 2015, o setor de serviços na cidade de São Paulo vem registrando quedas sistemáticas no faturamento real mensal. Cabe destacar que a indústria foi a primeira a sentir os impactos da crise, seguida do varejo, e, por último, serviços.

O setor de serviços na cidade de São Paulo registrou queda de 3,6% no faturamento real no acumulado no ano, terminado em setembro, sendo a 21ª queda consecutiva neste comparativo. Das treze atividades que compõem o indicador, quatro – Saúde; Turismo, Hospedagem, Eventos e Assemelhados; Serviços Bancários, Financeiros e Securitários; e, Simples Nacional – conseguiram evitar quedas anuais nas suas receitas.

Desemprego em alta, queda nos rendimentos das famílias e aumento de custos nas empresas afetaram de forma significativa o desempenho do setor de serviços. Assim como o setor de serviços foi o último a entrar na crise, será o último a sair, uma vez que as perdas registradas pelo setor somente serão recompostas à medida que os demais setores da economia se recuperarem, dependendo, assim, da retomada dos indicadores determinantes de consumo, como emprego, renda e crédito.

A expectativa é de que para o final de 2016, o setor de serviços desacelere o ritmo de queda nas receitas reais ocorridas ao longo do ano, até mesmo porque a base de comparação contribuiu por ser baixa, devendo, assim, encerrar o ano com queda de 3,3%, alcançando um faturamento real de R\$ 262,3 bilhões. A projeção de redução das perdas se dá por conta dos indicadores antecedentes da FecomercioSP, como os índices de confiança e intenção de consumo, que estão se elevando nos últimos meses.

ANO	FATURAMENTO REAL*	VARIAÇÃO
2010	218.065.290	-
2011	239.147.678	9,7
2012	258.445.091	8,1
2013	274.385.070	6,2
2014	279.258.252	1,8
2015	271.337.880	-2,8
2016**	262.291.653	-3,3

Fonte: FecomercioSP e Secretaria Municipal de Finanças e Desenvolvimento Econômico
*Em R\$ mil a preços de set/16
** Faturamento dos últimos 3 meses estimado em R\$ mil

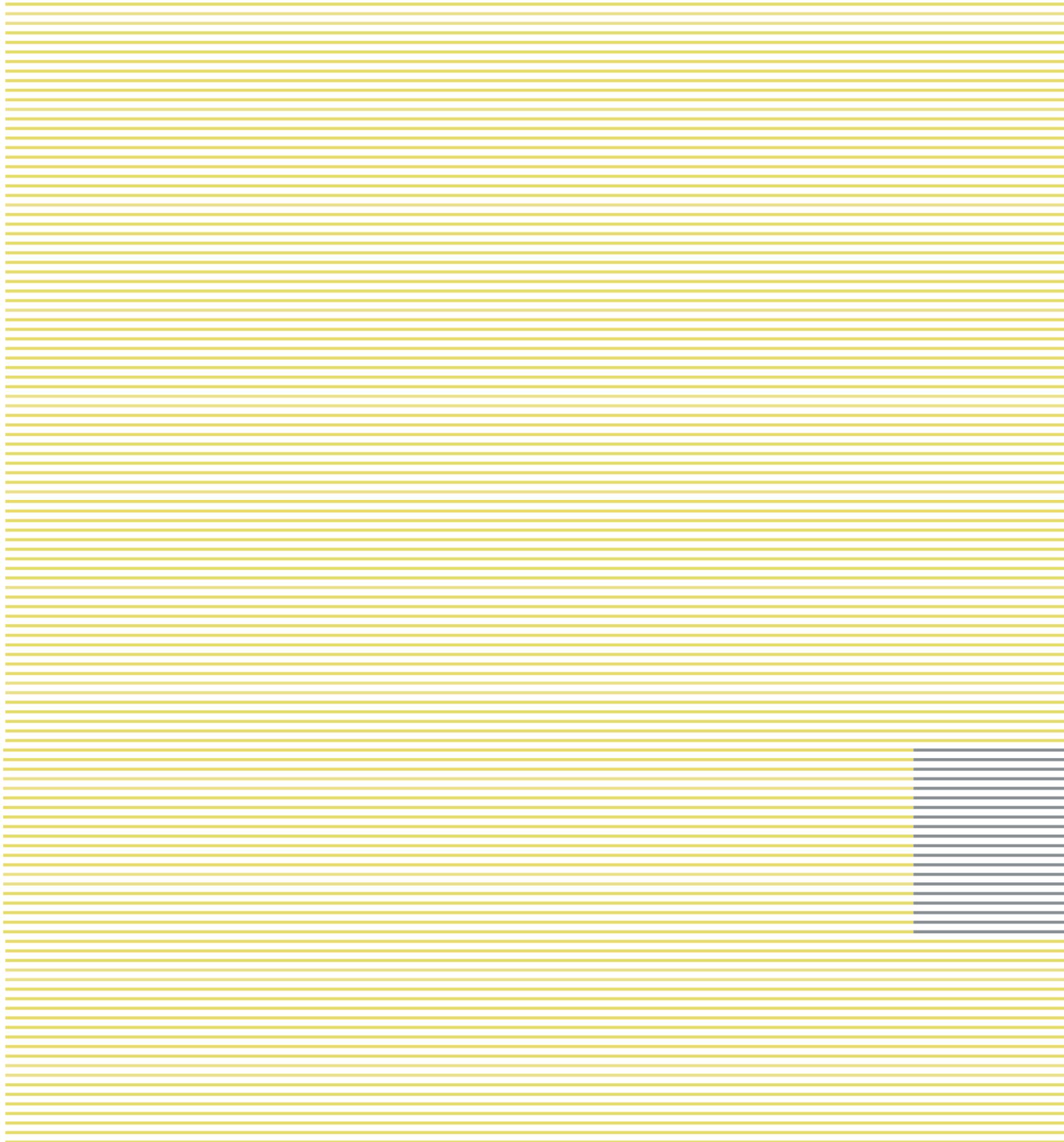
ANÁLISE SETORIAL

As variações anuais mais acentuadas do faturamento real do setor de serviços na cidade de São Paulo foram verificadas nas seguintes atividades: Construção Civil (-27,3%), Representação (-16,2%), Técnico-Científico (-14,6%) e Mercadologia e Comunicação (-12,1%). A deterioração do cenário econômico e político do país afetou de forma significativa a demanda por determinados serviços, principalmente por parte das empresas, que por sua vez, tiveram sua demanda contraída pelo aumento do desemprego e queda da renda dos consumidores.

Os destaques positivos apurados no acumulado no ano, por sua vez, ficaram por conta dos serviços de Saúde (20,9%) e de Turismo, Hospedagem, Eventos e Assemelhados (13,2%). A alta nas receitas do setor de saúde deve-se a pressão de custos devido a inflação e dólar elevados, que de uma forma ou outra, foi repassado para o preço final do serviço. Além disso, considerando a restrição orçamentária imposta pela alta da inflação e do desemprego, o padrão de consumo das famílias se alterou. Assim, na ausência de um plano de saúde, a busca por serviços particulares aumentou, elevando, conseqüentemente, o seu preço. Por sua vez, o dinamismo em se adaptar as mudanças no cenário econômico e político fez com que o setor de turismo registrasse crescimento significativo nas suas receitas ao longo de 2016. Por conta da crise e da alta do dólar, as viagens internas foram impulsionadas. Protagonista no cenário internacional de turismo e eventos, a cidade de São Paulo se destaca como um dos principais destinos turísticos do Brasil, apesar de muitos pontos que precisam ser melhorados para atração de turistas, como por exemplo, a mobilidade urbana.

ATIVIDADES	FATURAMENTO REAL (EM R\$ MIL)	SET-16 SET-15(%)	ACUMULADO NO ANO (%)	ACUMULADO EM 12 MESES (%)
Agenciamento, Corretagem e Intermediação	1.916.817	-2,4	-5,4	-6,5
Conservação, Limpeza e Reparação de Bens Móveis	540.359	-7,2	-7,5	-8,0
Construção Civil	735.182	-24,9	-27,3	-28,2
Educação	548.082	-5,1	-5,1	-7,0
Jurídicos, Econômicos, Técnico-Administrativos	6.122.030	-6,0	-6,1	-6,2
Mercadologia e Comunicação	556.916	-10,1	-12,1	-12,0
Representação	441.569	-10,7	-16,2	-17,2
Saúde	2.268.439	28,9	20,9	17,4
Serviços Bancários, Financeiros e Securitários	3.275.925	6,5	0,2	-1,6
Simples Nacional	3.297.829	1,7	0,2	2,3
Técnico Científico	577.231	-14,3	-14,6	-16,3
Turismo, Hospedagem, Eventos e Assemelhados	651.688	22,8	13,2	8,7
Outros serviços	845.950	-8,7	-9,8	-11,0
Total do Setor de Serviços Paulistano	21.778.016	-0,7	-3,6	-4,5

Fonte: FecomercioSP e Secretaria Municipal de Finanças e Desenvolvimento Econômico



METODOLOGIA

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO CONSUMIDOR (ICC)

O ICC é apurado mensalmente pela FecomercioSP desde 1994. Os dados são coletados junto a cerca de 2.100 consumidores no município de São Paulo. O objetivo é identificar o sentimento dos consumidores levando em conta suas condições econômicas atuais e suas expectativas quanto à situação econômica futura.

Os dados são segmentados por nível de renda, sexo e idade. O ICC varia de zero (pessimismo total) a 200 (otimismo total). Sua composição, além do índice geral, apresenta-se em: Índice das Condições Econômicas Atuais (ICEA) e Índice das Expectativas do Consumidor (IEC). Os dados da pesquisa servem como um balizador para decisões de investimento e para formação de estoques por parte dos varejistas, bem como para outros tipos de investimento das empresas.

A metodologia do ICC foi desenvolvida com base no Consumer Confidence Index, índice norte-americano que surgiu em 1950 na Universidade de Michigan. No início da década de 1990, a equipe econômica da FecomercioSP adaptou a metodologia da pesquisa norte-americana à realidade brasileira. Atualmente, o índice da Federação é usado como referência nas reuniões do Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom), responsável pela definição da taxa de juros no País, a exemplo do que ocorre com o aproveitamento do CCI pelo Banco Central.

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO DO COMÉRCIO (ICEC)

O ICEC contempla as percepções do setor em relação ao seu segmento, à sua empresa e à economia do País. São entrevistas feitas em painel fixo de empresas, com amostragem segmentada por setor (não duráveis, semiduráveis e duráveis) e por porte de empresa (até 50 empregados e mais de 50 empregados). As questões agrupadas formam o ICEC, que por sua vez pode ser decomposto em outros subíndices que avaliam as perspectivas futuras, a avaliação presente e as estratégias dos empresários mediante o cenário econômico. A pesquisa é referente ao município de São Paulo, mas sua base amostral reflete o cenário da região metropolitana.

ÍNDICE DE ESTOQUES (IE)

O Índice de Estoques é apurado mensalmente pela FecomercioSP desde junho de 2011, com dados de cerca de 600 empresários do comércio nos municípios que compõem a região metropolitana de São Paulo. O indicador vai de zero a 200 pontos, representando, respectivamente, inadequação total e adequação total. Em análise interna dos números do índice, é possível identificar percepção dos pesquisados relacionada à inadequação de estoques para “acima” (quando há a sensação de excesso de mercadorias) e para “abaixo” (em casos de os empresários avaliarem falta de itens disponíveis para suprir a demanda em curto prazo).

ÍNDICE DE EXPANSÃO DO COMÉRCIO (IEC)

O IEC da região metropolitana de São Paulo é apurado mensalmente pela FecomercioSP desde junho de 2011, com dados de cerca de 600 empresários. O indicador vai de zero a 200 pontos, representando, respectivamente, desinteresse e interesse absolutos em expansão de seus negócios. A análise dos dados identifica a perspectiva dos empresários do comércio em relação a contratações, compra de máquinas ou equipamentos e abertura de novas lojas.

PESQUISA DE ENDIVIDAMENTO E INADIMPLÊNCIA DO CONSUMIDOR (PEIC)

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) é apurada mensalmente pela FecomercioSP desde fevereiro de 2004. A partir de 2010, a Confederação Nacional do Comércio (CNC) comprou a pesquisa da FecomercioSP, que passou a analisar os dados nacionalmente. A Federação continua divulgando os dados de São Paulo, alinhados com a data de divulgação da PEIC nacional pela CNC. Na capital, são entrevistados aproximadamente 2,2 mil consumidores.

O objetivo da PEIC é diagnosticar o nível de endividamento e de inadimplência do consumidor. Com base nas informações coletadas, são apurados importantes indicadores: nível de endividamento, porcentual de inadimplentes, intenção de pagamento de dívidas em atraso e nível de comprometimento da renda. Tais indicadores são observados considerando duas faixas de renda.

A pesquisa permite o acompanhamento do nível de comprometimento do comprador com as dívidas e sua percepção em relação à capacidade de pagamento, fatores fundamentais para o processo de decisão dos empresários do comércio e demais agentes econômicos.

PESQUISA DE RISCO E INTENÇÃO DE ENDIVIDAMENTO (PRIE)

A PRIE, apurada pela FecomercioSP, tem o objetivo de acompanhar o interesse dos paulistanos em contrair crédito e a evolução da proporção de famílias endividadas na capital paulista que possuam aplicações financeiras, gerando um índice de risco inerente a essas operações. Os dados que compõem a PRIE são coletados em 2,2 mil entrevistas mensais realizadas na cidade de São Paulo.

CUSTO DE VIDA POR CLASSE SOCIAL (CVCS)

O CVCS, formado pelo Índice de Preços de Serviços (IPS) e pelo Índice de Preços do Varejo (IPV), utiliza informações da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do IBGE e contempla as cinco faixas de renda familiar (A, B, C, D e E) para avaliar os pesos e os efeitos da alta de preços na região metropolitana de São Paulo em 247 itens de consumo. A estrutura de ponderação é fixa e baseada na participação dos itens de consumo obtida pela POF de 2008/2009 para cada grupo de renda e para a média geral. O IPS avalia 66 itens de serviços e o IPV, 181 produtos de consumo.

As faixas de renda variam de acordo com os ganhos familiares: até R\$ 976,58 (E); de R\$ 976,59 a R\$ 1.464,87 (D); de R\$ 1.464,88 a R\$ 7.324,33 (C); de R\$ 7.324,34 a R\$ 12.207,23 (B); e acima de R\$ 12.207,23 (A). Esses valores foram atualizados pelo IPCA de janeiro de 2012. Para cada uma das cinco faixas de renda acompanhadas, os indicadores de preços resultam da soma das variações de preço de cada item, ponderadas de acordo com a participação desses produtos e serviços sobre o orçamento familiar.

ÍNDICE DE INTENÇÃO DE CONSUMO DAS FAMÍLIAS (ICF)

O ICF é apurado mensalmente pela FecomercioSP desde agosto de 2009, com dados de 2,2 mil consumidores no município de São Paulo. O ICF é composto por sete itens: Emprego atual; Perspectiva profissional; Renda atual; Acesso ao crédito; Nível de consumo atual; Perspectiva de consumo; e Momento para duráveis. O índice vai de zero a 200 pontos, no qual abaixo de 100 pontos é considerado insatisfatório e acima de 100 pontos é denotado como satisfatório. O objetivo da pesquisa é ser um indicador antecedente de vendas do comércio, tornando possível, a partir do ponto de vista dos consumidores e não por uso de modelos econométricos, ser uma ferramenta poderosa para o varejo, para os fabricantes, para as consultorias e para as instituições financeiras.

PESQUISA DE EMPREGO NO COMÉRCIO VAREJISTA DO ESTADO DE SÃO PAULO (PESP VAREJO)

A Pesquisa de Emprego no Comércio Varejista do Estado de São Paulo (PESP Varejo) analisa o nível de emprego do comércio varejista em 16 regiões do Estado de São Paulo e nove atividades do varejo: autopeças e acessórios; concessionárias de veículos; farmácias e perfumarias; eletrodomésticos, eletrônicos e lojas de departamentos; materiais de construção; lojas de móveis e decoração; lojas de vestuário, tecidos e calçados; supermercados e outras atividades. As informações são extraídas dos registros do Ministério do Trabalho, por meio do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e o impacto do seu resultado no estoque estabelecido de trabalhadores no Estado de São Paulo, com base na Relação Anual de Informações Sociais (Rais).

PESQUISA DE EMPREGO NO COMÉRCIO ATACADISTA DO ESTADO DE SÃO PAULO (PESP ATACADO)

A Pesquisa de Emprego no Comércio Atacadista do Estado de São Paulo (PESP Atacado) analisa o nível de emprego do comércio atacadista em 16 regiões do Estado de São Paulo e dez atividades atacadistas: alimentos e bebidas; produtos farmacêuticos e higiene pessoal; tecidos, vestuário e calçados; eletrônicos e equipamentos de uso pessoal; máquinas de uso comercial e industrial; material de construção, madeira e ferramentas; produtos químicos, metalúrgicos e agrícolas; papel, resíduos, sucatas e metais; energia e combustíveis; e outras atividades. As informações são extraídas dos registros do Ministério do Trabalho, por meio do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e das informações sobre movimentação declaradas pelas empresas do atacado paulista.

PESQUISA DE EMPREGO NO SETOR DE SERVIÇOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (PESP SERVIÇOS)

A Pesquisa de Emprego no Setor de Serviços do Estado de São Paulo (PESP Serviços) analisa o nível de emprego do setor de serviços em 16 regiões do Estado de São Paulo e 12 atividades: transporte e armazenagem; alojamento e alimentação; informação e comunicação; financeiras e de seguros; imobiliárias; profissionais, científicas e técnicas; administrativas e serviços complementares; administração pública, defesa e seguridade social; educação; médicos, odontológicos e serviços sociais; artes, cultura e esportes e outras atividades de serviços. As informações são extraídas dos registros do Ministério do Trabalho, por meio do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e o impacto do seu resultado no estoque estabelecido de trabalhadores no Estado de São Paulo, com base na Relação Anual de Informações Sociais (Rais).

PESQUISA CONJUNTURAL DO COMÉRCIO VAREJISTA (PCCV)

A PCCV utiliza dados da receita mensal informada pelas empresas varejistas ao governo paulista por meio de um convênio de cooperação técnica firmado entre a Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo (Sefaz) e a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP).

As informações, segmentadas em 16 Delegacias Regionais Tributárias da Secretaria, englobam todos os municípios paulistas e nove setores (autopeças e acessórios; concessionárias de veículos; farmácias e perfumarias; eletrodomésticos, eletrônicos e lojas de departamentos; lojas de móveis e decoração; lojas de vestuário, tecidos e calçados; materiais de construção; supermercados; e outras atividades).

Os dados brutos são tratados tecnicamente de forma a se apurar o valor real das vendas em cada atividade e o seu volume total em cada região. Após a consolidação dessas informações, são obtidos os resultados de desempenho de todo o Estado.

PESQUISA CONJUNTURAL DO COMÉRCIO ELETRÔNICO (PCCE)

A Pesquisa Conjuntural do Comércio Eletrônico FecomercioSP/ Ebit (PCCE) para o Estado de São Paulo é realizada com dados fornecidos pela E-bit e permite análise sobre a participação do comércio eletrônico no varejo paulista. As informações são segmentadas pelas 16 regiões definidas pelas Delegacias Regionais Tributárias que englobam todos os 645 municípios paulistas e abrangem todas as atividades varejistas constantes do código CNAE 2.o.

PESQUISA CONJUNTURAL DO SETOR DE SERVIÇOS (PCSS)

A Pesquisa Conjuntural do Setor de Serviços (PCSS) é o primeiro indicador mensal de serviços em âmbito municipal e utiliza informações baseadas nos dados de arrecadação do Imposto sobre Serviços (ISS) do município de São Paulo, por meio de um convênio de cooperação técnica firmado entre a Prefeitura de São Paulo e a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP). O indicador conta com uma série histórica desde 2010, permitindo o acompanhamento do setor em uma trajetória a longo prazo.

As atividades foram reunidas em 13 grupos, levando em conta as suas similaridades e a representação no total do que é arrecadado do ISS no município. Por meio dos relatórios gerados, é possível identificar o total do faturamento (real e nominal) por atividade, as variações percentuais em relação ao mesmo mês do ano anterior (T-T/12) e mês imediatamente anterior (T-T/1) e o acumulado no ano.

PRESIDENTE

Abram Szajman

SUPERINTENDENTE

Antonio Carlos Borges

CONTEÚDO

Assessoria técnica



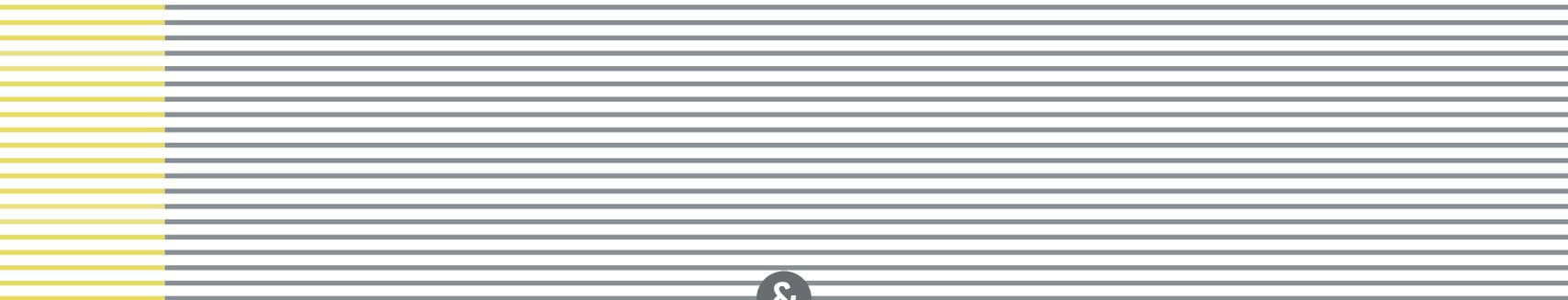
RUA DR. PLÍNIO BARRETO, 285

BELA VISTA • SÃO PAULO

11 3254-1700 • FAX: 11 3254-1650

www.fecomercio.com.br

EDITORA E PROJETO GRÁFICO **TUTU** DIRETOR DE CONTEÚDO **André Rocha MTB 45 653/SP** EDITOR **Lucas Mota** DIRETORES DE ARTE **Clara Voegeli e Demian Russo** EDITORA DE ARTE **Carolina Lusser** DESIGNER **Renata Lauletta, Laís Brevilheri e Paula Seco** ASSISTENTES DE ARTE **Tiago Araujo e Yuri Miyoshi**



Senac Sesc FECOMERCIOSP
Aqui tem a força do comércio

FECOMERCIOSP
Representa muito para você.